



profuncionário

Curso Técnico de Formação para
os Funcionários da Educação

Homem, pensamento e cultura:

abordagem filosófica
e antropológica



Autor: Maurício Leão. Título: Manifestação Cultural do Centro-Oeste

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA



profuncionário

Curso Técnico de Formação para
os Funcionários da Educação

Homem, pensamento e cultura:

abordagem filosófica
e antropológica

FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

Brasília - 2005



*pro*funcionário

Curso Técnico de Formação para
os Funcionários da Educação

Diretor do Departamento de Articulação e Desenvolvimento dos Sistemas de Ensino

Horácio Francisco dos Reis Filho

Coordenadora Geral do Programa Nacional de Valorização dos Trabalhadores em Educação

Josete Maria Cangussú Ribeiro

Coordenação Técnica do Profucionário

Eva Socorro da Silva

Apoio Técnico

Adriana Cardozo Lopes

Coordenação Pedagógica

Bernardo Kipnis - CEAD/FE/UnB

Francisco das Chagas Firmino do Nascimento - FE/UnB

João Antônio Cabral de Monlevade - FE/UnB

Maria Abádia da Silva - FE/UnB

Tânia Mara Piccinini Soares - MEC

Equipe de Produção - CEAD/UnB

Coordenação Pedagógica - Maria de Fátima Guerra de Souza

Gestão Pedagógica - Maria Célia Cardoso Lima

Designer Educacional - Bruno Silveira Duarte

Revisão - Roberta Gomes

Capa e Editoração - Evaldo Gomes e Télyo Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.
B823 Homem, pensamento e cultura : abordagens filosófica e antropológica : formação técnica / [elaboração: Dante Bessa]. – Brasília : Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2005.

88 p. : il. – (Curso técnico de formação para os funcionários da educação. Profucionário ; 3)

ISBN 85-86290

1. Educador. 2. Formação profissional. 3. Escola. I. Bessa, Dante. II. Título. III. Série.

CDU 37.01

Apresentação

Alguma vez vocês já se perguntaram como é que chegaram a ser como são hoje: a sua humanidade, a sua profissão, a sua cidadania, os seus valores? Alguma vez já se perguntaram se querem, se podem e como poderiam se tornar diferentes? Já se perguntaram se hoje são diferentes do que já foram antes? Vocês encontraram uma ou mais de uma resposta para essas perguntas? Alguma vez já se perguntaram se as respostas a essas perguntas valem para as pessoas que convivem com vocês? Alguma vez já se perguntaram se essas respostas valem para qualquer um, independentemente das condições de vida? Alguma vez já se perguntaram se as outras pessoas teriam as mesmas respostas ou respostas diferentes das de vocês? E já se perguntaram por que e como as pessoas podem pensar a mesma coisa ou pensar coisas diferentes?

Bom, vamos parar com as perguntas, pois há uma infinidade de outras que poderiam ser colocadas junto com essas. Importa perceber que perguntar é pensar. Perguntar faz pensar. Buscar respostas é pensar. Buscar respostas faz pensar. Responder é pensar. Responder faz pensar. Pensar dá trabalho!

Portanto, além de fazerem pensar, perguntar, buscar respostas e responder fazem falar. Fazem escutar. Fazem olhar. Fazem observar. Fazem escrever. Fazem ler. Fazem conversar. Fazem perguntar outras coisas. Fazem aprender. Fazem ensinar. Fazem educar. Fazem trabalhar. Enfim fazem fazer! Perguntar dá trabalho!

Com base nisso, neste módulo, vamos nos perguntar sobre o homem¹. Sobre o **“homem, o pensamento e a cultura”**, para ver se conseguimos pensar e responder de algum jeito as perguntas do primeiro parágrafo, fazendo o que os parágrafos seguintes sugerem.

Vamos nos perguntar sobre o homem, o pensamento e a cultura para pensar sobre o significado sociocultural do homem e (re)pensar nossa vida e nossa profissão com vistas a podermos participar mais intensamente na escola como educadores profissionais e como cidadãos.

Para isso o módulo está dividido em 5 unidades, nas quais perguntaremos, investigaremos e pensaremos sobre:

Unidade 1 – O tornar-se humano e profissional como construção sociocultural

Unidade 2 – O tornar-se humano e profissional pelas práticas simbólicas

¹Por comodidade e necessidade, utilizarei a palavra homem para designar quaisquer dos gêneros humanos, isto é, tanto para o feminino quanto para o masculino. Em outros momentos utilizarei também a palavra humano ou a expressão ser humano com o mesmo sentido

Unidade 3 – O tornar-se humano e profissional pelo trabalho

Unidade 4 – O tornar-se humano e profissional pelas práticas valorativas

Unidade 5 – O tornar-se humano e profissional na escola

Investigaremos o tornar-se humano e profissional pensando no homem genérico (conceito de homem) e em cada um de nós ao mesmo tempo. Assim, cada unidade apresenta perguntas, respostas possíveis, outras perguntas e sugestões de atividades de reflexão, observação e escrita, além de sugerir outras leituras e filmes que podem nos ajudar a pensar sobre os assuntos em estudo.

As atividades sugeridas dizem respeito ou a algum conteúdo do módulo apresentado antes ou que será apresentado depois, ou a alguma situação das práticas sociais na escola ou fora dela.

Objetivo do Módulo

Apropriar e criar condições teórico-práticas com as quais possamos problematizar, investigar e criticar nossa participação na escola, com vistas à construção da identidade de educador profissional.

Ementa

Processo de construção da cidadania. Filosofia como instrumento de reflexão e prática. Ética, moral e política. O ambiente físico e social. Relações homem/natureza. Aspectos e valores culturais. Linguagem e comunicação.

Mensagem do Autor

Amiga educadora, amigo educador,

Há 10 anos tenho sido professor de filosofia e de filosofia da educação em escolas e universidades públicas e privadas. Nesse período, além daquele em que fui aluno, sempre estive lado a lado com pessoas que trabalhavam nas escolas, mas nunca pude saber o que pensavam sobre as relações entre o seu trabalho e a educação nem sobre o seu lugar na escola. Nunca pude perceber como se sentiam em relação à educação feita ali onde trabalham e se em suas práticas profissionais havia alguma intenção educativa.

Agora chegou a oportunidade de saber alguma coisa sobre vocês que participam da educação na escola e não são professores nem alunos. Que bom! Estou feliz com essa oportunidade.

Por outro lado, por saber pouco sobre o que vocês pensam, escrever este módulo se colocou para mim como desafio. Desafio de escrever como penso a escola e o trabalho escolar e de provocá-los a pensar sobre isso. Quer dizer: escrevo para que vocês pensem e construam os seus saberes, mas não para que pensem e saibam a mesma coisa que eu.

É isso, naquilo que eu escrevo vocês poderão perceber um outro olhar, uma outra visão, um outro jeito de encarar as coisas. Perceber isso deve ser motivo para vocês pensarem sobre o olhar, a visão e o modo como vocês mesmos têm encarado as coisas na escola.

É claro que algumas coisas vamos ter de compartilhar. E o que vamos tentar compartilhar são os problemas que precisamos enfrentar e os instrumentos teórico-práticos para enfrentá-los.

A minha suposição, contudo, é a de que, querendo ou não, quando nos dispomos a escutar e a ler o diferente, o outro, ele sempre nos faz pensar e transformar. Bem, pelo menos é o que eu espero, confessando que muitas coisas que eu pensava sobre vocês e sobre a escola, antes de escrever este módulo, agora já se tornaram diferentes em mim.



Desejo, então, que vocês fiquem bem à vontade na leitura. Concentrem-se nela para compreender os problemas colocados e por que eles são colocados. Concentrem-se na leitura para colocar seus próprios problemas em relação ao que está escrito e ao que vocês sentem na escola. Que essa concentração possibilite estranhamento suficiente para que vocês possam se desconcentrar da leitura, pensar e construir os saberes de que vocês e as escolas precisam para ser mais do que são.

Eu sou assim mesmo: gosto de estar com as pessoas e escutá-las. Gosto de saber o que elas têm a dizer com base no que experimentam no mundo e não com base na experiência dos outros. E gosto de perguntar, como vocês já perceberam. Tenho cá minhas experiências, vocês têm aí suas experiências. Perguntamos, contamos entre nós o que experimentamos e aprendemos uns com os outros.

Muito perguntar, muito pensar, e muito trabalho a todos!

Dante Diniz Bessa

Introdução

Na convivência estamos com o outro e diante do outro. Com ele nos educamos e com ele podemos pensar sobre nós mesmos. Para saber como nos tornamos o que somos, nos identificamos e nos diferenciamos do outro.

Assim, para que possamos pensar séria e intensamente sobre nós mesmos, como homens e como educadores profissionais, precisaremos compreender como nos tornamos o que somos nas relações que estabelecemos com o outro; precisamos pensar como a educação acontece nessa convivência, seja ela dentro ou fora da escola.

Mas quem é esse outro?

Genericamente falando, o outro é aquilo de que nos diferenciamos: o diferente, a possibilidade, o limite, o contorno, o desconhecido. Aquilo que nos permite reconhecer-nos em nós mesmos pela diferenciação que estabelecemos com ele.

O outro pode ser uma pessoa, um grupo de pessoas, um pensamento, uma coisa, todas as coisas, a natureza, o mundo, a cidade, a escola, a lei, a regra, o hábito, o costume. Olhem quantos outros na **escola!**

A convivência com o outro, supõe construção, desconstrução e reconstrução de cada um dos diferentes e das relações que existem entre ambos, o que caracteriza a educação e o tornar-se humano (devir humano).

Podemos dizer que na escola nos educamos pelas influências que nossas práticas têm sobre cada um de nós. As influências são resultantes das relações que estabelecemos as pessoas e com a organização escolar.

No estudo desse módulo, além de lê-lo, será importante que vocês o leiam pensando e investigando suas práticas e vivências de trabalho e as



A escola é construída por quem nela e com ela se encontra. Logo, independentemente do papel que desempenhamos estamos na escola, estamos fazendo a escola e educando outros. Mas, é claro, não podemos esquecer de que não são apenas as pessoas que estão na escola que a fazem: há uma legislação que a orienta, um poder público que a mantém, uma comunidade a que ela atende, uma história da qual ela participa, uma economia a qual está vinculada, etc.



práticas de sua escola e do mundo no qual ela e vocês estão inseridos. Pensar e investigar as vivências e práticas pode fazer-nos diferentes. É importante, então, que vocês pensem do seu dia-a-dia e no dia-a-dia da escola.

Vamos investigar a escola no seu dia-a-dia, como espaço em que pessoas diferentes se encontram e realizam diversas práticas com o objetivo de educar. É nas práticas escolares que interessa ver e pensar o humano, o educador e o cidadão, supondo que um profissional da educação precisa saber que práticas são mais significativas para a educação, quem as realiza e como são realizadas, para saber das influências que elas podem ter sobre o modo de pensar e de viver daqueles que participam delas (alunos, professores, funcionários, pais, comunidade).

Algumas práticas do cotidiano escolar são tão comuns e óbvias que, normalmente, sequer prestamos atenção a elas, não reconhecendo a importância que podem ter na educação dos outros e na nossa própria educação.

Então, vamos experimentar problematizar e valorizar as práticas (Por que as fazemos? Como são feitas? Para que são feitas? Que influências podem ter na vida das pessoas?). Veremos: muitas práticas ganharão outra importância se conseguirmos realizar essa tarefa.

Problematizar significa colocar problemas a serem pensados e investigados para que possamos saber e ser mais no que fazemos. Colocar problemas significa tornar estranho para nós aquilo que sempre pareceu familiar, por meio lançando dúvidas, suspeitas, questionamentos que nos façam pensar o sentido dessas práticas, mesmo que no dia-a-dia da escola elas não sejam um problema.

Investigar um problema, por outro lado, não é necessariamente resolvê-lo, mas tê-lo como algo que nos faz pensar e agir, isto é, que nos possibilita mudar nossa atitude diante do que parece ser sempre o mesmo.

A investigação que faremos, nesse sentido, será feita como um modo possível de construirmos alguns saberes que podem nos ajudar a assumir uma **atitude crítica**.

Um profissional crítico, atento às práticas de que participa, poderá vir a planejá-las e participar delas sabendo de suas intenções, objetivos e influências possíveis. Com isso, poderá



Por atitude crítica entendo a que não aceitamos imediatamente: coisas, idéias, acontecimentos, tais como nos são ditos ou apresentados, senão que antes suspeitamos, interrogamos, buscamos informações, analisamos para, então, poder assumir posição teórica e prática.

trazer muitas contribuições para que a educação escolar possa ganhar outra qualidade.



E como vai ser essa investigação?

Bem, nossa investigação vai ser antropológico-filosófica.

O que eu quero dizer com isso?

Quero dizer que além de ler o módulo, vamos aprender a investigar: perguntar, observar, descrever, narrar, analisar, interpretar, refletir e criticar o cotidiano escolar, tentando criar as condições para que possamos construir, desconstruir e reconstruir nossas práticas e a nós mesmos, além de tentar entender como a escola produz e reproduz cultura e como isso influencia no tornar-se humano.

Bem, acho que com isso podemos começar a nossa investigação.

Sumário

UNIDADE I – DEVIR HUMANO - 15

1. A natureza no humano
2. O humano na natureza – cultura e práticas culturais
3. Cultura e culturas – etnocentrismo e diversidade cultural
4. O humano no humano - educação
5. Escola, cultura e cidadania

UNIDADE II – LINGUAGEM, PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCAÇÃO - 31

1. Linguagem: conceito e elementos
2. Linguagens e língua
3. Linguagens e comunicação
4. Diálogo, comunicação e educação
5. Escola, comunicação e cidadania

UNIDADE III – TRABALHO, PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCAÇÃO - 47

1. Trabalho: conceito
2. Trabalho, técnica e tecnologia
3. Trabalho manual e trabalho intelectual
4. Trabalho, alienação e educação
5. Escola, trabalho e cidadania

UNIDADE IV – VALORES, PRÁTICAS CULTURAIS E EDUCAÇÃO - 61

1. Valor: conceito
2. Valoração estética
3. Valoração ética
4. Valoração política
5. Escola, valores e cidadania

UNIDADE V – PRÁTICAS CULTURAIS NA ESCOLA E CIDADANIA - 75

1. O que se ensina e o que se aprende na escola?
2. Onde se ensina e onde se aprende na escola?
3. Como se ensina e como se aprende na escola?
4. Quem ensina e quem aprende na escola?

1

Devir humano

Comecemos por nos perguntar: sob que condições nos chamamos humanos?

Vejam que essa pergunta não parece ser problemática para muita gente. Não é qualquer um que pensa sobre isso, pois já conhecem as respostas (são óbvias) sem terem colocado a pergunta: somos humanos porque nascemos de humanos, somos sangue de nossos pais – é uma resposta; somos humanos porque Deus nos criou assim – é uma outra resposta; uma terceira diz que somos humanos porque o destino e a natureza nos fizeram assim.

Apesar das diferenças, essas três respostas dizem a mesma obviedade: somos humanos porque há uma força fora de nós que nos faz assim – o sangue dos pais, Deus, a natureza, o destino.



Mas, nossa proposta de estudo é justamente tornar o óbvio estranho, não é!? Um jeito de fazer isso é pensar porque, para outras pessoas, essas respostas não são óbvias. Vamos ver o que esses outros podem nos fazer pensar sobre isso.

Os outros de que estou falando são filósofos, antropólogos e cientistas sociais que, em geral, acreditam que outra(s) resposta(s) possa ser dada caso reflitamos sobre a vida que vivemos. Para eles, não nos chamamos humanos por

causa do sangue, de Deus, do destino ou da natureza, mas porque nos fazemos humanos na vida. Humano é um conceito que criamos para significar a nós mesmos e ao nosso modo de viver.

Por isso é interessante investigarmos como é que chegamos a esse **conceito** na vida que vivemos, vocês não acham? Então, vamos procurar pensar nas condições em que cada um vive e pode se chamar e se sentir humano.

Para pensar melhor sobre isso, passo a apresentar alguns conceitos já elaborados por filósofos, antropólogos e cientistas sociais.



Podemos entender a palavra conceito como aquilo que pensamos sobre as coisas e os acontecimentos, isto é, os significados que construímos no pensamento e com os quais podemos classificar e diferenciar as coisas e acontecimentos. Relacionando os conceitos, podemos emitir juízos sobre o mundo. Podemos dizer o que pensamos com sentido.

SEÇÃO 1: A NATUREZA NO HUMANO

Um primeiro conceito para pensarmos sobre as condições em que nos fazemos, nos chamamos e nos sentimos humanos é o que está no título da unidade: **devir humano**.

Então, leia o título com atenção. Sem ler o restante do texto, procure ver se há algo que você estranha na expressão. Se há, então precisamos investigar. Por exemplo: por que está escrito “devir humano” e não “ser humano”? Será “devir humano” o mesmo que ser humano? Faz diferença falar e pensar “devir humano” em vez de “ser humano”? Afinal, o que significa “devir humano”?

Se você, ao ler o título desta unidade, já havia colocado essas ou outras perguntas, é porque já está entrando no espírito crítico e investigativo proposto. Mas vamos avançar no pensar o que significa devir humano e o que isso tem a ver com a nossa identidade.

Leia com atenção, agora, o texto abaixo, de José Rodrigues de Oliveira² e procure pensar o que pode ser dito sobre a natureza no humano quando ele se refere ao devenir ou devir.

O DEVENIR

- *Meu pai, devenir é fruta ou verdura?*
- *Por que perguntas filho?*
- *Meu pai, quero, se possível, veja minhas razões. O senhor já me ensinou que quando se recebe uma pergunta, só se deve entrar com outra, depois de ter respondido. E eu, seu filho, firmado na sua ortodoxia quero para mim as vantagens da sua observação.*
- *Bem, vejo que você tem razão. Desejo, no entanto, dizer-lhe que se você me houvesse feito, ontem, essa inquirição,*
- confesso que não estaria em condições de respondê-la. Porém hoje, depois de certo progresso que fiz posso afirmar que DEVENIR não é fruta nem verdura. É, sim, uma concepção filosófica.*
- *Agora sim, “concepção filosófica!” Mas...*
- *Nem mais nem menos, agora a vez é minha, Sócrates.*
- *O senhor sabe que não gosto de ser chamado de Sócrates³, pois acho aquele velho muito feio, e sua mulher me*

²José Rodrigues de Oliveira, poeta popular que divulga seus escritos no site www.divulga-se.net/cordel - literatura de cordel on line.

³Sócrates viveu em Atenas, na Grécia Antiga, no séc V a.C. e é considerado por muitos como o primeiro grande filósofo da história ocidental.

*desculpe, mas acho o nome dela horró-
roso! Xantipa! (Só sendo grega).*

■ *Está certo, mas, por que você me per-
guntou se devenir é fruta ou verdura?*

■ *Perguntei por que a mamãe falou que
alguém comeu a folha do devenir. - O
velho se arrumou na cadeira de balan-
ço, tirou os óculos, e depois duma mor-
daz e gostosa gargalhada, falou: Pauli-
nho, você é um anjo. Você, sua mãe e
seus irmãos azucrinam meus ouvidos,
mas, também fazem cócegas no meu
coração. Presta atenção, filhote, Deve-
nir é o mesmo que devir; é uma série
de transformações. A transformação
ou mudança de estado considerado em
si mesmo. O devenir é a nossa caracte-
rística fundamental, e a tudo quanto
no mundo nos rodeia. A Filosofia tem
se empenhado em compreender o de-
venir, cuja questão decisiva é a relação
deste com o ser. Heráclito e Parmêni-
des⁴ quatro séculos antes de Cristo, já
se ocupavam com o assunto, que veio
receber mais luz, agora no século XX
com o nosso querido Einstein⁵. Já expli-
quei muito, pelo seu aspecto, vejo que
você entendeu pouco, não foi?*

■ *Para ser sincero, papai, não entendi
nada, e se eu quisesse ser chato iria fa-
zer mais perguntas.*

■ *Pode perguntar, entretanto, Piaget⁶
aconselha que devemos aprender as
coisas aos poucos, as doses do saber
devem ser homeopáticas. E é você ain-
da criança. Segundo o mesmo educa-
dor existe a idade para a abstração.*

*Contudo, faça a pergunta, sua curiosi-
dade muito me agrada.*

■ *Devenir é o mesmo que futuro?*

■ *Não. Entretanto, podemos relacioná-lo
não só com o futuro como também com
progresso e o regresso a vida e a morte.*

■ *Com a vida e com a morte!?*

■ *Sim, com a vida e com a morte. Até
conosco, com você, meu filho, veja só,
você vai completar 13 anos no próximo
mês, já notou sua voz como está fican-
do diferente? Os pêlos do seu bigode
estão engrossando. (Ao ouvir isso o ra-
pazinho não se conteve e escandalosa-
mente botou para sorrir).*

■ *Você, devenirsmente, caminha para pu-
berdade, depois tornar-se-á adulto, da-
qui a cem anos quando você morrer irá
modificar o ph da terra onde colocarem
seu corpo. Antes disso você vai mudar
de tal forma que quem lhe vê hoje, e só
possa ver daqui a alguns anos, talvez
não lhe reconheça. Salvo melhor juízo,
isso é devenir. Gostou?*

■ *O devenir se limita de acordo com a
idéia que se tem do progresso, sendo
a idéia um progresso, é preciso que
o devenir seja compreendido, sendo
compreendido, encontrar-se-á nele um
movimento que é o que existe de mais
concreto. Heráclito, o filósofo do vir-a-
ser, - Devenir - disse que o vir-a-ser está
em tudo, porque nada é. Para nós, mo-
dernamente, tudo já era. Eu e você não
somos mais aqueles de quando inicia-
mos essa conversa, eu, afora o sutil da*

⁴Heráclito e Parmênides também são filósofos que viveram na Grécia Antiga entre os séculos VI e V a.C.

⁵Conhecido como pai da teoria da relatividade, Albert Einstein viveu no século XX.

⁶Biólogo suíço, Jean Piaget viveu no século XX e suas pesquisas contribuíram muito para o conhecimento do desenvolvimento cognitivo de uma perspectiva interacionista.

natureza, já bebi um copo d'água, emiti essas palavras, e dei aquelas risadas. Você, além de outras coisas que aconteceu, já pode ouvir falar em devenir sem aquela estranheza do início deste bate-papo. Verdade?

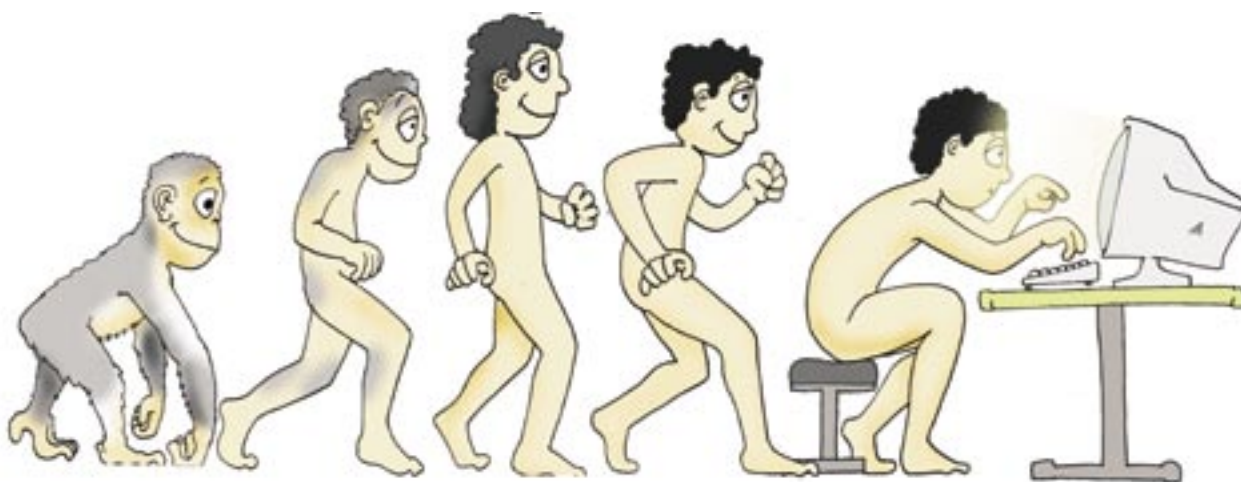
■ Ah!...Então quer dizer que aquela caneta que lhe dei a pouco, não é essa que está aí, porque a que lhe dei sofreu o calor das suas mãos, a tampinha estava do lado oposto, já escreveu, e, conseqüentemente, está com menos tinta.

■ Muito bem! Demorou mas chegou. Observo com muita satisfação que já ampliou a dialética, quero, aproveitando a ocasião, que você saiba que o movimento dialético é o que mais existe de concreto no progresso.

■ Obrigado, meu pai. Amanhã vou pedir a minha mãe para comprar um dicionário novo para o senhor, pois o seu está bastante "devenirizado".

■ Também já sei quem comeu a folha do devenir.

E então, o que acharam dessa bela maneira de expressar a natureza no humano? Vocês conseguem perceber, com ela, o que significa dizer que o devir (devenir) é a natureza no humano? Quer dizer, o que há de natural em nós é a transformação, a mudança, o tornar-nos diferentes do que já fomos.



Isso sugere que cada um de nós muda ao longo da vida, que a humanidade muda ao longo da história e que o que pensamos que somos também muda. O mundo muda. Portanto, o que pensamos ser a humanidade, aquilo com que nos identificamos no mundo muda conforme criamos e inventamos outras condições históricas para nossa existência.

Pois é, no devir humano a natureza se faz presente em nós. Ela nos faz ser o que somos e nos possibilita transformá-la em outra natureza, a história, num movimento permanente.



Se for assim, como é que acontece esse devir? É só ficar parado e esperar que ele aja sobre nós? Será que podemos participar desse devir de algum modo? Se participarmos, em que condições isso pode acontecer? Não passe a diante sem pensar sobre isso. Anote suas conclusões e anexe o documento ao seu memorial.

Você pensou? Ficou com dúvidas?

Vamos em frente para podermos acrescentar outros elementos que possam nos ajudar nessa reflexão.

SEÇÃO 2: O HUMANO NA NATUREZA - CULTURA E PRÁTICAS CULTURAIS

Na seção anterior tentei chamar sua atenção para o fato de que a presença da natureza em nós é, ao mesmo tempo, a nossa presença na natureza. Que a natureza está em nós de tal modo que, nem nós, nem ela, permanecemos os mesmos.

Agora quero chamar sua atenção para que pensemos nas questões sobre por que e como a natureza e nós não permanecemos os mesmos

Acontece que o devir humano não se dá apenas na e pela natureza, mas, principalmente, na e pela cultura. Essa é uma visão predominante entre filósofos, antropólogos e cientistas sociais. Poderíamos dizer, até mesmo, que temos uma natureza cultural. Tornamo-nos humanos ou não no mundo que nós construímos: mundo cultural, mundo histórico, mundo humano.

Assim, parece evidente que, para pensar e investigar a nossa identidade e o nosso devir, precisamos estudar a cultura. Sim, porque a cultura é condição para nos chamarmos e nos sentirmos humanos.

Mas o que significa cultura?

Um conceito diretamente relacionado com o que vínhamos pensando é o de que a cultura é a presença do humano na natureza, isto é, as transformações que homens e mulheres produzem na natureza e em si mesmos ao construírem o mundo humano.

Mas o que é que isso significa?

Primeiro, significa que cultura pode ser entendida num sentido bem amplo como o conjunto de práticas pelas quais os homens agem sobre e transforma o que está na natureza, tornando-se co-responsáveis com a natureza por aquilo que se tornam.

Segundo, significa que cultura é o forma de viver dos humanos e, ao mesmo tempo, o nosso jeito de viver em grupos sociais específicos. Assim, no primeiro caso, falamos em cultura no singular, como aquilo que diferencia os homens de tudo que existe na natureza. Já no segundo caso, precisamos falar em culturas, no plural, como o que diferencia os homens entre si. Mas não podemos deixar de notar que esses conceitos e diferenciações são criados pelos próprios homens!

Terceiro, significa o conjunto de conhecimentos, de valores, de crenças, de idéias e de práticas de um grupo social e ou de um povo e ou de um época.

Com esses três significados podemos perceber que cada um de nós, homens e mulheres, nos tornamos o que nos tornamos quando produzimos e adquirimos cultura; aprendemos e construímos nosso modo de viver socialmente. Por isso, o devir humano é ao mesmo tempo devir natural e cultural. Tem a ver com transformações biológicas do nosso corpo como, por exemplo, as funções psíquicas (pensar e significar, que se desenvolvem na espécie humana e em cada homem e mulher) que tornam homens e mulheres capazes de criar, de conservar e de transformar seu jeito de viver. E tem a ver, também, com as transformações na forma de viver, que contribuem com a transformação das condições biológicas (naturais) de existência, quando, por exemplo, inventamos máquinas para trabalhar e pensar por nós.





Como, então, vocês responderiam a seguinte questão: somos humanos porque pensamos ou pensamos porque somos humanos? E o que vocês pensam sobre isso tem a ver com o que já sabem, com o que não sabem ou com o que os outros sabem sobre vocês? Não deixem de anotar as respostas e dúvidas para retomar mais tarde!



Cultura é o forma de viver dos humanos em geral e, ao mesmo tempo, o jeito de viver de grupos sociais específicos. Assim, falamos em cultura no singular, como aquilo que diferencia os homens de tudo o mais que existe no mundo. Culturas, no plural, é o que diferencia os homens entre si.

O jeito de viver humano é um jeito de viver sociocultural e envolve três elementos muito importantes que ajudam a padronizar o comportamento de um grupo social: a linguagem, o trabalho e os valores, com os quais produzimos e transformamos coisas e idéias, nos comunicamos, decidimos o que é e o que não é importante e organizamos nossas relações, criando regras para a vida social.

Homens e mulheres produzem cultura e são produzidos nela como humanos, então, na medida em que significam (práticas de linguagem), agem (práticas de trabalho) e valorizam (práticas de valoração) a natureza e o que eles mesmos produzem. Com isso criam regras que orientam as relações sociais. Assim, construímos o nosso mundo e nos fazemos presentes na natureza.

A condição de viver, de pensar e de organizar a vida coletiva (vida social), como percebemos, é o que movimenta o processo de autocriação humana, de produção da humanidade e da cultura.

SEÇÃO 3: CULTURA E CULTURAS

Vocês se lembram que antes eu havia escrito que com o conceito de cultura diferenciámo-nos de outros seres e diferenciámo os grupos humanos entre si? Nesse sentido, falamos de **cultura e de culturas**, não foi? E podemos falar de humano e humanos também, não é!?

Podemos dizer, amplamente, que modos diferentes de organização de grupos sociais (família, comunidade, categorias profissionais, etc.) podem tornar as pessoas desses grupos diferentes entre si, pelo cultivo ou não dos costumes e padrões de comportamento próprios de cada grupo.

Você concorda com o que foi dito acima? Se existe uma pluralidade de comportamentos e práticas sociais, isto é, se existem modos diferentes de organizar e de viver a vida social, podemos dizer que existem diferentes culturas? Se existem diferentes culturas, como conseguimos conviver com elas? Escreva uma carta a alguém de quem gosta expressando sua opinião sobre esse problema. Conte o que você pensa sobre a questão e pergunte qual é a opinião dela.



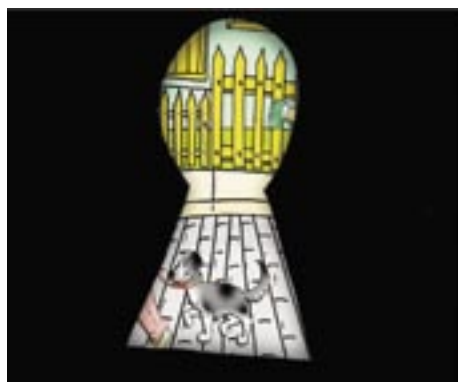
Não são questões fáceis, não é? Então introduziremos mais dois conceitos na nossa investigação para ver se eles nos ajudam a pensá-las, são eles: etnocentrismo e diversidade cultural.

Podemos dizer, pelo que vimos, que a cultura nos serve como uma lente e como padrões de comportamento para ver o mundo. Nessa medida, se só conseguirmos enxergar o mundo pela lente que temos, a tendência é a supervalorização de nossa forma de ver. Ao fazer isso, desvalorizamos outras possibilidades de enxergar o mundo, fixando o nosso olhar no centro de todos, como sendo o melhor, o correto, o verdadeiro, o real.

Um exemplo bem explícito (e **metafórico**): se nos acostumamos a olhar a rua pelo buraco da fechadura, ela tem um formato e uma extensão específica. Se pudermos olhar a rua da janela, então ela terá outro formato e extensão. E se pudermos ainda sair de casa e andar pela rua, veremos que ela fica ainda mais diferente. Então, se ficarmos olhando a rua pelo buraco da fechadura jamais poderemos saber que a rua pode ser diferente e acharemos muito estranho que alguém que esteja na rua nos fale dela como se fosse muito diferente daquela rua que conhecemos. Diremos que é um louco. Um ignorante. Uma pessoa inculta.



Metáfora é uma forma de comunicação indireta que utiliza uma história ou uma figura de linguagem e implica uma comparação.



A essa fixação da nossa cultura no centro de todas as culturas é que damos o nome de etnocentrismo.

O etnocentrismo é responsável por muitos dos conflitos sociais (entre raças, gêneros, religiões, gerações, etc.). Uma postura etnocêntrica também é responsável por preconceitos contra minorias, contra outras culturas, preconceito contra a diferença, preconceito em relação ao outro.



Você já pensou sobre isso? Sobre sua postura em relação àqueles que têm um jeito de viver diferente do seu? Como você se relaciona com os adolescentes ou com as crianças da escola em que trabalha? Você já tentou se pôr no lugar deles para tentar entender como eles pensam e vêem o mundo? Procure fazer isso observando-os e conversando com eles sobre a escola ou sobre as coisas da vida. Registre por escrito a conversa e as observações para não perdê-las. Você pode precisar delas depois.

Pois é, as roupas, os enfeites, as tatuagens, o jeito de falar, as brincadeiras, e muitas outras coisas que fazemos e usamos e fazíamos e usávamos são diferentes do que as crianças e os adolescentes que freqüentam a escola em que trabalhamos fazem.

Porque acreditamos que o nosso jeito de vestir, de enfeitar, de pensar e de viver é o melhor, achamos que precisamos ensinar os outros a se comportarem como nós. Na escola, onde, em geral, se trabalha para ensinar um comportamento padrão, que envolve conhecimentos, valores, disciplina, modo de pensar, entre outras coisas...As diferenças de comportamento ficam bem marcadas e geralmente não são bem-vindas. Na escola, muitas vezes, acabamos obrigando os mais jovens a pensarem e fazerem o que é melhor para nós, mas que não é, necessariamente, para eles. Temos aí um exemplo do etnocentrismo.



Imperialismo é a política de expansão e domínio territorial e/ou econômico de uma nação sobre outra.

Podemos perceber o etnocentrismo no mundo, também, quando um país ou grupo de países quer fazer que os outros tenham a mesma visão de mundo, o mesmo modo de viver (**imperialismo**).

Aliás, sobre etnocentrismo e diversidade cultural há uma polêmica entre teóricos no Brasil: afinal, a identidade do povo brasileiro é uma mistura das culturas dos índios, dos negros e dos europeus ou não há uma identidade única, mas diversas identidades? Observe a sua comunidade, sua escola, sua cidade, as novelas na televisão, etc. O que você acha, com base no que vem pensando neste módulo?

Bem, se o etnocentrismo é a supervalorização e a ilusão de que a nossa cultura é a única verdadeira, então é porque existe mais de uma cultura. Não só existe mais de uma como as culturas são diferentes: às vezes parecidas, às vezes antagônicas (contrárias). Não são a mesma. Com isso podemos entender a idéia de diversidade cultural: diz respeito às diversas culturas específicas de grupos sociais particulares que se diferenciam na construção da humanidade.

Vejamos mais um exemplo para que possamos perceber bem o conceito de diversidade cultural.

Alguma vez você já foi a uma floresta nativa? Como se sentiu? Eu já fui e me senti perdido. Sinceramente, fiquei com medo de adentrar muito para não correr o risco de me perder. Afinal, não conhecia nada ali. Ao contrário, nas cidades, em qualquer cidade, não me preocupa se posso ou não me perder. Até tenho medo da violência, assalto, etc., mas não de me perder. E alguém que tenha vivido a maior parte da sua vida numa floresta, será que sente a mesma coisa que sinto? É...É isso aí! A floresta faz sentido para um índio, por exemplo, que tenha aprendido a viver ali. As árvores, os cipós, os cheiros, os rastros constituem um código, um sistema de signos, uma linguagem que o índio compreende. Essa é a sua cultura. Ele aprendeu e construiu esses significados. Talvez, ao contrário, na cidade, os sinais de trânsito, as ruas, os veículos, essa linguagem que eu compreendo lhe causem um outro sentimento. Enfim, diante de uma mesma situação, o índio e eu percebemos coisas diferentes e nos comportamos de formas diferentes. Eis a diversidade e a diferença entre nós.





Essa é uma questão bem importante, vocês não acham? Que cultura é essa na qual podemos perceber as diferenças entre culturas particulares? E por que as diferentes culturas se encontram nela?

Isso pode nos fazer pensar, então, que culturas diferentes têm lógicas diferentes, isto é, ordenam e organizam o mundo de maneiras diferentes, ao contrário da visão etnocêntrica pela qual se pode pensar que uma outra cultura, por ser diferente, não tem lógica, não tem ordem, é irracional.

Agora, que importância pode ter para nós saber que existe uma pluralidade de culturas? Ora, vocês já devem ter percebido! Diferentes culturas se encontram, convivem umas com as outras, relacionam-se, entram em conflito, diferenciam-se. Na medida em que isso acontece, é preciso saber lidar com a diversidade sem querer necessariamente fazer que a “nossa cultura” ou uma suposta “cultura universal” se coloque sobre todas as outras.

A escola, que é espaço da diversidade, pois reúne homens e mulheres; crianças e adultos; negros e brancos; alunos, professores e funcionários, precisamos entender o papel dela na(s) cultura(s) com e pela(s) qual(is) nos podemos ou não nos chamar e nos sentir humanos.

Porém, antes de pensarmos na escola, vamos pensar na educação.

SEÇÃO 4: O HUMANO NO HUMANO: CULTURA E EDUCAÇÃO



Não nos iludamos, hein! Cultura é um conceito para significar as práticas que constituem o jeito de viver e de pensar das pessoas e de grupos sociais. Já vimos isso. A cultura muda, portanto, quando as práticas sociais mudam.

As **culturas se transformam**. Transformam-se em ritmos diferentes umas das outras, conforme o contato mais ou menos freqüente entre elas e conforme as novidades (inovações) vão sendo produzidas no interior de cada uma.

As culturas se transformam também pela recepção que as novas gerações fazem daquelas práticas sociais que lhe ensinaram as gerações mais velhas.

Um exemplo: durante muito tempo acreditou-se na vocação feminina para cuidar do lar e da educação dos filhos e na vocação masculina para trabalhar fora de casa e participar da vida pública. Quanto tempo levou para que essas crenças fossem derrubadas e mulheres e homens pudessem assumir outros lugares sociais... Podemos pensar, então, que ficando o papel das mulheres restrito ao ambiente doméstico, ela estaria excluída de outras atividades, que só os homens podiam fazer.

Esse é um exemplo de prática social de restrição à participação dos indivíduos na vida coletiva. No caso a restrição da

participação das mulheres na vida pública, que aos poucos foi sendo desconstruída e reconstruída.

Para que essa transformação (desconstrução e reconstrução) da cultura aconteça, as pessoas têm de ter um mínimo de participação nas práticas sociais. Para participar, elas precisam poder e saber agir, além de saber o que esperar (prever) como ação do outro. Isso seria quase impossível se as pessoas não conhecessem as regras, as normas de convívio, os símbolos, a língua, as relações de poder, enfim os padrões de comportamento social.

Não é difícil perceber a situação das crianças quando chegam na escola, não é!? Procure observar ou lembrar de alguma situação de aluno ou aluna recém chegado na escola que possa exemplificar as dificuldades que alguém sente quando chega num ambiente social novo para ela. Procure ver ou lembrar como essa pessoa foi recebida na escola e como ela foi se inserindo na vida escolar.



No interior da cultura, portanto, recebemos, aprendemos, reproduzimos, transmitimos, transformamos e criamos o mundo e a humanidade por meio das práticas socioculturais. Podemos dizer que nos educamos e somos educados nessas práticas. Passamos a **participar** de um mundo humano.



Assim, a educação acontece em todos os lugares em que as pessoas estão se relacionando umas com as outras: na família, no trabalho, no templo, no quintal, no mato... Em qualquer ambiente desses, alguém educa alguém com ou sem intenção de educar.

Participar sob dois sentidos: fazemos parte desse mundo e o assimilamos (você já viu isso no módulo 2, pág 78 do curso), por um lado e, por outro, agimos nele, adaptando-o a nós.

O processo pelo qual entramos em uma cultura e aprendemos a ser e a viver é denominado endoculturação. A endoculturação é diferente da aculturação, em que a cultura de um povo é negada pela cultura de outro povo.

A educação como endoculturação é forma que possibilita a convivência social em que compartilhamos, disputamos e negociamos o mínimo de valores, crenças, saberes, normas e símbolos. É, ao mesmo tempo, um acontecimento pessoal (educo-me com os outros) e social (sou educado pelos outros). E é, sobretudo, o modo como o humano se faz presente no próprio humano.



Você deve estar pensando que, sendo a educação uma forma de transmissão cultural entre os indivíduos, então a cultura não se transforma. Será? Qual é o seu testemunho sobre isso? E o de seus colegas de trabalho? O seu modo de pensar e de viver é o mesmo dos seus pais, por exemplo? Pense na sua história de vida e procure saber da história de mais um ou dois colegas. Lembre-se de que escrever tudo é muito importante.

Se você notou que a educação é um acontecimento pessoal, precisa notar que as pessoas recebem o transmitido socialmente de forma particular. As pessoas ou grupos sociais (novas gerações, ou novas profissões, por exemplo), com seu jeito próprio de receber e de se relacionar com o que recebem, com o que gostam ou desgostam, com o que valorizam ou desvalorizam, vão reinventando a cultura. Portanto é pela educação que a cultura e a humanidade são transmitidas, conservadas e transformadas. Educação tem tudo a ver com devir humano.

E onde entra a escola nisso?

SEÇÃO 5: ESCOLA, CULTURA E CIDADANIA

Desde que nascemos vamos aprendendo a viver numa cultura que as gerações anteriores criaram. Essa transmissão cultural é a presença do humano no humano: a educação num sentido bem amplo, pela qual homens e mulheres se fazem humanos e educadores na vida.

Vocês ainda não entenderam o que a escola tem a ver com isso, não é?

Acontece que no movimento de transformação da cultura (criação de novos significados, de novos modos de trabalhar e de novas regras de convivência) a vida social transforma-se, a ponto de as pessoas precisarem se apropriar de saberes específicos para poderem participar das práticas sociais. Isso implica numa divisão do saber e do trabalho e na necessidade de novos saberes que possam dar conta de controlar a própria vida social.

Muito embora essa divisão signifique bem uma situação de

desigualdade social, ela está presente na cultura e a escola tem a ver com ela. A escola foi criada como instituição educativa, isto é, para transmitir às novas gerações aqueles elementos culturais (saberes específicos) necessários para a participação na vida social, conforme a divisão do trabalho, do poder e do saber. Uns aprendem e fazem certas coisas, outros aprendem e fazem outras coisas.

A necessidade de ensinar e de aprender saberes específicos para poder participar da vida social fez que a escola fosse inventada como lugar em que se cuida e se ensina às crianças coisas que não se aprende em casa nem na rua (saberes científicos e técnicos) e lugar em que se aprende (muitas vezes sem saber) de maneira diferente as coisas que se aprende em casa e na rua também (o “jeitão” humano de viver).

A escola, mesmo sendo uma instituição criada especificamente para ensinar aquele mínimo de cultura necessário à convivência das diferenças é, como qualquer outra instituição social, um espaço em que produzimos, transmitimos e criamos cultura. Logo, é também um espaço educativo em sentido amplo: tem a extraordinária tarefa social de criar intencionalmente as condições educativas para que possamos receber, desconstruir e reconstruir o mundo humano já construído.

A escola, em sua tarefa social, educa tanto para a obediência aos costumes (padrões de comportamento) da comunidade e da sociedade como pode educar para um posicionamento crítico e autônomo em relação a esses padrões.



LEITURAS

*SANTOS, Luiz Carlos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1983.*
*BRANDAO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1981.*
*ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo.** São Paulo: Brasiliense, 1984.*
*DUARTE JR. João-Francisco. **O que é realidade.** São Paulo: Brasiliense, 1994.*

FILMES

Mississippi em chamas, de Alan Parker
Blade Runner, o caçador de andróides, de Ridley Scotte Fernando Meirelles
O enigma de Kaspar Hauser, de Werner Herzog.
Greystoke, A Lenda de Tarzan, de Hugh Hudson - BB

Considerando o que você pensou nesta unidade, procure descrever o ambiente em que você trabalha e o trabalho que você e seus colegas fazem, tentando perceber as condições (práticas sociais) que vocês têm conseguido criar para que os alunos e vocês mesmos possam se chamar e se sentir humanos.



2

**Linguagem, práticas
culturais e educação**

Como se sentem depois de terem lido e estudado a primeira unidade? Acharam-na muito difícil? Espero que não!

Porém, se vocês sentirem alguma dificuldade, procurem investigá-la. Se ela tem a ver com as palavras estranhas cujos significados vocês não conhecem, por exemplo. Se não for com as palavras diretamente, pode ser com a forma como elas estão organizadas na escrita. E se não for isso, pode ser ainda que a escrita esteja mostrando um mundo diferente do que vocês estão acostumados. São possibilidades!

Espera aí, gente! Para que mesmo vocês estão lendo este módulo? Para compreender o que está escrito? Para saber o que o eu, como autor, sei e penso sobre o assunto que estamos estudando? Ou a escrita é pretexto para vocês se perguntarem, pensarem e buscarem respostas sobre o que acontece no mundo e na escola?

As três coisas ao mesmo tempo? Como assim?

Ah, sim! Vocês recebem do “jeitão” de vocês aquilo que tento comunicar. Então, na leitura vocês precisam saber ler e interpretar a escrita. É isso? E escrevo, tendo de saber escrever e expressar, pela escrita, o que penso e sei sobre o assunto de tal maneira que vocês possam ler e interpretar, não é isso? A escrita serve ao mesmo tempo para que eu expresse meu pensamento, para que representemos o mundo e possamos falar sobre as mesmas coisas, para que vocês possam significar as vivências de vocês com base na leitura que fazem, ao mesmo tempo que podem significar a leitura com base nas vivências. Buscamos nos comunicar. E, no entanto, nem nos conhecemos pessoalmente. Como isso é possível?

Eis o problema que investigaremos nesta unidade: como a linguagem e as práticas simbólicas influenciam no tornar-se humano?

Na unidade anterior vimos que uma das práticas culturais pelas quais o humano se constrói no mundo é a prática simbólica ou prática da linguagem. Tentaremos ver aqui, então, o que tem a ver linguagem, simbolização e comunicação entre si e com o devir humano.

Como vimos nos parágrafos anteriores, a linguagem nos possibilita ter contato uns com os outros. É uma das condições da vida social. Quando dizemos que somos seres simbólicos, é porque criamos e usamos símbolos com os quais e pelos quais significamos o mundo e comunicamos esses significados para os outros, criando, então, um ou diversos mundos simbólicos.

Contudo, precisamos entender melhor isso, pois nem sempre conseguimos nos entender com os outros sobre o significado que estamos pensando, sentindo, lendo e escrevendo, escutando e falando.

Pois é, como dizia Platão⁷, a linguagem pode ser, ao mesmo tempo, remédio e veneno. Da mesma maneira que construímos sentido por meio da linguagem e nos apropriamos daquilo que precisamos para viver coletivamente, podemos nos enganar e ser enganados.

Com a linguagem podemos tanto esclarecer quanto obscurecer. Tanto podemos emancipar-nos, tornar-nos autônomos nos nossos saberes, nas nossas decisões e atitudes, como podemos nos iludir e ficar dependentes dos outros. Sobre tudo quando os outros utilizam mecanismos de poder diversos para evitar que a linguagem multiplique os significados e faça o pensamento fluir. Então, tanto podemos nos entender como podemos nos desentender. Tanto podemos dizer o que queremos como podemos ficar limitados a dizer o que os outros querem que digamos.



⁷Filósofo grego, viveu em Atenas no século V a.C.



Vocês concordam que há situações em que parecemos com papagaios que só conseguem repetir o que os outros dizem e não conseguem dizer nem pensar coisas diferentes? Vocês teriam condições de descrever uma situação em que isso acontece com alguém? Isso já aconteceu com vocês? Então escrevam: onde, quando, com quem e o que aconteceu.

Com base nesse problema, nesta unidade, investigaremos o elemento simbólico da cultura tentando entender a presença da linguagem e da comunicação no nosso devir, e a nossa participação no mundo.



Você saberia dizer, antes de entrarmos em maiores detalhes sobre a linguagem, se tudo o que acontece na escola tem o mesmo significado para todos que convivem nela e com ela? Procure perguntar a alguns alunos, professores e funcionários da escola, que significados eles atribuem ao recreio.

SEÇÃO 1: LINGUAGEM: CONCEITO E ELEMENTOS

A linguagem é elemento constituinte do humano, pois com ela organizamos nossos pensamentos, sentimentos, emoções, interesses, vontades e atos. Com ela organizamos o mundo humano, construindo sentido para o que fazemos e aprendemos, bem como para o que existe e acontece no mundo.

A linguagem é elemento fundamental da vida social. Com a linguagem nos expressamos, representamos as coisas, os outros, com os quais nos comunicamos. Sem ela nossa convivência seria muito diferente do que é.

Então a linguagem é natural aos homens? Vocês devem estar se perguntando. Ao que eu respondo: sim e não.

Tal como vimos na unidade anterior, o devir humano tem elementos naturais e culturais. Isso quer dizer que há fatores biológicos que nos possibilitam simbolizar: falar, escutar, escrever e ler, sentir, por exemplo. Nosso corpo, por assim dizer, possui certas condições para simbolizar.

Mas esse equipamento corporal será suficiente para podermos nos expressar, representar, significar e comunicar? O fato de podermos escutar ou emitir algum som, ler ou escrever alguma palavra e ver, sentir ou fazer alguma coisa ou ação nos garante que possamos compreender o significado desse som, dessa palavra ou dessa coisa ou ação?

Parece que não. Afinal, quando nascemos já existia uma linguagem a nossa disposição, que aprendemos para nos relacionarmos melhor com os outros. Mesmo aqueles indivíduos cujo corpo não apresenta todas as condições para aprender a falar, por exemplo, conseguem se relacionar por meio de outras formas de linguagem e de comunicação.

Na escola em que você trabalha existem alunos com necessidades educativas especiais? Procure saber o que acontece com eles e como eles têm conseguido conviver e se sentir na escola.



Pois é, além dessa capacidade biológica, a linguagem é um sistema simbólico: um conjunto de signos que combinamos e usamos segundo regras. Esse sistema simbólico é criado culturalmente. É óbvio, portanto, que precisamos conhecê-lo e saber usá-lo para podermos expressar nossos sentimentos, pensamentos e emoções, representar as coisas e acontecimentos do mundo e nos comunicarmos uns com os outros.

Com a linguagem temos condições de simbolizar e com a simbolização temos condições de significar e registrar acontecimentos que não podem ser repetidos nem revividos, de modo que outros possam saber desses acontecimentos e pensar no seu significado.

A simbolização é uma espécie de tradução em palavras, desenhos, gestos, sons, objetos, etc. (conforme a linguagem) de outras coisas que não são palavras, desenhos, gestos e sons.

Tentemos pensar numa situação do dia-a-dia: o pátio da escola no horário do recreio. Uma situação que vocês aca-

baram de investigar perguntando a algumas pessoas como elas a significam. Quando vocês fizeram esse questionamento, perceberam que só podiam saber o significado para elas se as pessoas falassem ou escrevessem para vocês em palavras, certo?

Agora se coloquem numa outra posição: ao invés de escutar e tomar a linguagem oral (as palavras faladas de alunos, de professores e de funcionários) para saber o significado do pátio, procurem observar como as pessoas se comportam nesse espaço. Vocês percebem como os alunos se movimentam, conversam, gritam, correm, brincam, riem, choram... E como os professores e os funcionários em geral não ficam no pátio no momento do intervalo, a não ser quando precisam cumprir alguma função específica.

Observando e descrevendo o que percebem, vocês criarão significados para o pátio sem precisar perguntar a outras pessoas. Como isso é possível?

Ao fazer isso, vocês simbolizam, transformando o comportamento dos alunos, dos professores e dos funcionários em expressão simbólica. Usando as palavras, estão significando, simbolizando. Ao simbolizar estão usando as palavras para significar o que percebem e poder transmitir a outros. Talvez vocês possam dizer: “os alunos se sentem livres no pátio” ou “o pátio deixa as crianças enlouquecidas!”, conforme a visão simbólica que vocês já tenham construído com experiências anteriores (pré-conceitos).

Simbolizar é transpor em signos e símbolos as idéias, os acontecimentos, os pensamentos, os sentimentos, as coisas, as pessoas e outros signos e símbolos.

Vocês usarão um repertório de palavras que conhecem para poder expressar o que perceberam ou sentiram ao observar os alunos no pátio, ou seja, vão falar ou escrever a alguém conforme as condições que tiverem para isso. Por isso, talvez, quem escutar ou ler não entenda tal como vocês o que vocês falarem ou escreverem. Isso é um problema, porque as palavras se tornam independentes dos sujeitos que as pronunciam quando são expressas.

No caso desta escrita, por exemplo, as palavras que vocês

estão lendo têm o significado da leitura de vocês e não o significado com o qual eu as escrevo.

Deu para entender um pouco o conceito de simbolização e como construímos um mundo simbólico? Então faça isso: observe o recreio. Depois procure conversar com alguém (um colega de trabalho, talvez) tentando dizer em palavras o que você observou e o que entendeu que acontece lá. Preste atenção se seu colega concorda com você. Preste atenção, sobretudo, em como você pode ficar sabendo se o seu colega concorda ou não com você. Qual o papel da linguagem e da simbolização nessa relação entre vocês?



Como produto da cultura e como prática cultural, então, as linguagens podem ser transformadas pela apropriação e uso (prática) que fazemos dela quando a recebemos, criando novos significados para as palavras e novas palavras para falarmos dos pensamentos, dos sentimentos, das coisas e dos acontecimentos.

Mas, o que significa mesmo “significado”?

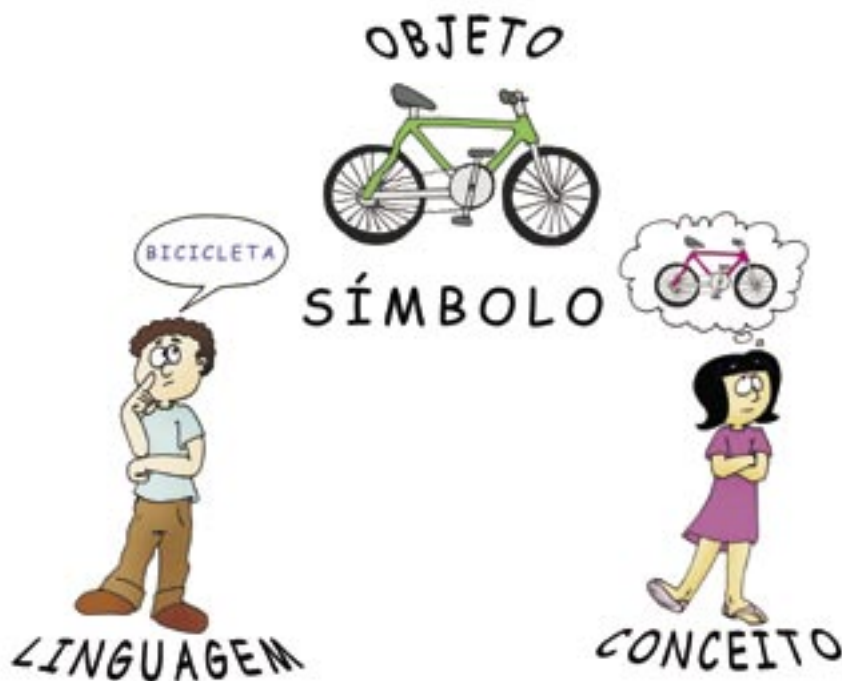
Que pergunta estranha, não? Qual o significado do significado!?

O significado é algo que criamos a partir dos signos e símbolos. É o que pensamos que as coisas, acontecimentos, pessoas e palavras nos dizem.

Acontece que os signos são significantes, assim como as coisas e os acontecimentos são significantes para nós, humanos. Eles possibilitam que construamos significados para nos situar no mundo. No caso do exemplo da floresta, na unidade anterior, tanto para o índio como para mim as árvores são significantes. Porém, o significado da árvore é diferente para cada um de nós.

Então, os signos são significantes porque possibilitam que construamos, expressemos e comuniquemos significados com eles, para dizer aos outros o que sentimos, vemos, pen-

samos, isto é, para compartilhar, disputar e negociar o sentido do mundo com os outros.



Registrando em signos ou símbolos as coisas e os acontecimentos do mundo, nossos sentimentos, emoções e pensamentos, podem tornar-se presentes para nós mesmos e para os outros. Isso nos permite lembrar e pensar o passado, viver e pensar o presente e imaginar o futuro. Com a linguagem, então, se instaura a historicidade no homem e com ela a humanização da natureza.

A linguagem também é inseparável da imaginação e da criação. Ela é um outro em nós com o qual vamos ao mundo e aos outros e retornamos a nós mesmos.

Por isso podemos dizer que somos seres simbólicos e que vivemos num mundo simbólico, porque esse mundo é criado por nós na linguagem. Ou seja, somos nós que criamos, junto com os outros, o sentido da nossa vida e do nosso mundo.

SEÇÃO 2: LINGUAGEM E LÍNGUA

Vocês talvez possam se perguntar se **linguagem e língua são a mesma coisa.**

Novamente vou responder: são e não são. Como assim?



Você se expressa na sua língua, certo? Mas o modo como você fala é o mesmo de outras pessoas que compartilham essa língua com você? O modo como falam na sua região sempre foi o mesmo? Você diria que a língua que você fala é a mesma que seus antepassados falavam?

Quero dizer, a língua é um tipo de linguagem, entre muitos. A língua é linguagem, mas não é toda linguagem, muito embora seja, ao longo da história, a linguagem mais importante para nós. Tradicionalmente, as linguagens são classificadas em dois grandes tipos: as não-verbais e as verbais.

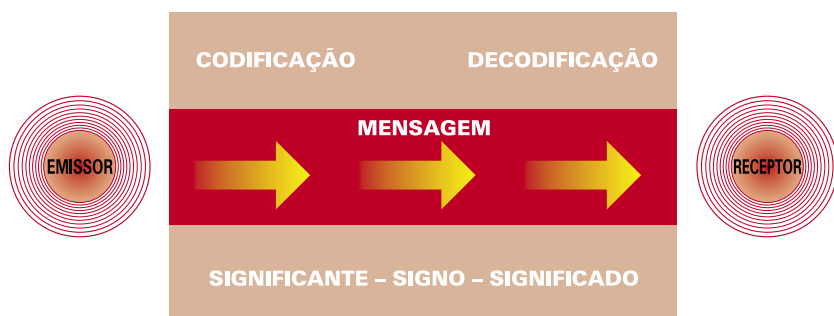


Entre as não-verbais podemos encontrar a linguagem por sinais, por gestos, por desenhos, por cores, etc. Já a linguagem verbal são as diversas línguas faladas e escritas no mundo (portuguesa, guarani, espanhola, inglesa, por exemplo).

As línguas são convencionais, foram criadas por homens e mulheres em determinadas condições históricas e foram se constituindo em estrutura independente de quem a usa.

Como estrutura, a língua pode ser entendida como um código, um sistema simbólico pelo qual os significados se movimentam, indo de falante a ouvinte, de escritor a leitor. Para isso, tem de haver um emissor (falante ou escritor) que codifica (simboliza) na língua seu pensamento e emite um significado para um receptor (ouvinte ou leitor) que o recebe e decodifica. O emissor e o receptor precisam compartilhar, saber usar a língua na sua estrutura (ter competência para isso – participação numa comunidade lingüística) e saber usá-la de sua própria maneira (performance – atos de fala ou de linguagem que realiza – o jeito de falar).

Esquema do Processo Comunicativo



Codificar e decodificar significados supõe que as línguas sejam transparentes como códigos. É como se o que fosse dito na fala ou na escrita tivesse um significado preciso, que podemos entender quando sabemos usar a língua. E quem não consegue entender os significados veiculados na língua é por que não tem competência, não sabe usá-la. Esse é um jeito de significar e entender a língua.

Contudo há um outro jeito. Quando aprendemos a falar, quando aprendemos a usar a língua, ela já tem sua estrutura, porém só ao vivenciarmos nossas experiências com ela é que a língua passa a existir na prática, para nós. Então, as práticas sociais com a língua dizem respeito, primeiramente, a nossa fala. Somos falantes e, com isso, criamos a língua (instituição sociocultural) para podermos nos expressar com sentido para os outros, independentemente das regras de combinações e uso que a estruturam.

Ao mesmo tempo, somos criados na linguagem, como indivíduos cuja existência vai sendo marcada pelos limites da língua que nos expressa pela nossa boca e pela boca dos outros. Vamos nos tornando aquilo que nós dizemos e que os outros dizem e escrevem a nosso respeito e para nós, permitindo-nos e ou impedindo-nos de fazer pensarmos ser o que dizem que somos e pensamos que só podemos fazer o que dizem que podemos fazer.

Contudo, um mundo novo se abre para nós quando nos perguntamos sobre o significado do que dito e escrito a nosso respeito.



Tem muita gente que pensa que pessoas sem escolarização têm dificuldades para aprender, para compreender conceitos e que elas têm preguiça de pensar. Vocês concordam com isso? Vocês poderiam descrever um ou mais exemplos que mostrem se essa idéia é verdadeira ou se é falsa?

Pois é, pessoal, com e pela linguagem e língua, nos tornamos o que somos e podemos mudar nosso mundo e a nós mesmos, mudando, ao mesmo tempo, a linguagem e a língua, quando criamos outras formas de pensar, de falar, de expressar e de comunicar.

Na linguagem e com a linguagem nos encontramos com o outro e podemos perceber e imaginar como ele pensa e vive, do que gosta ou não gosta, o que valoriza ou não valoriza, o que sabe e o que não sabe. Mas com ela também construímos e aceitamos muitos **preconceitos**. Assim, podemos tentar nos colocar no lugar dos outros para conhecê-los, o que sugere que haja comunicação.

SEÇÃO 3: LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Como já vimos, é preciso compartilhar uma linguagem para que haja comunicação. Pode ser, por exemplo, a linguagem dos sinais ou a língua portuguesa. E é preciso, também, que se pratique essa linguagem. Com isso, têm-se as condições para expressar e significar alguma coisa: sentimentos, pensamentos, saberes, conhecimentos, opiniões.

Entretanto, nosso problema era a suspeita de que a linguagem pode ser remédio e veneno ao mesmo tempo, lembram? Aquilo que alguém expressa nem sempre fica assim tão transparente na linguagem a tal ponto que o receptor possa entender um significado tal como é expresso pelo emissor, pois as práticas com a linguagem podem ser diferentes.

Se o significado não é transparente para o receptor, então ele tem de dialogar com o emissor: fazer perguntas, conversar, etc. Saber se o que ele entendeu é o que o emissor queria dizer. Quando isso acontece, emissor e receptor estabelecem um tipo de interação em que ambos ficam trocando de papéis. Já não são mais emissor e receptor. São agora **interlocutores**.

Mas o que é preciso, então, para que a comunicação aconteça?

É preciso que a linguagem seja compartilhada, que os significados possam ser expressos e mais: é preciso que eles possam ser compreendidos e que haja interação entre emissor e receptor de tal modo que sejam interlocutores. A comunicação acontece com base nos signos, nas regras de combinação e uso dos signos, nos significados que os signos podem possibilitar e, o mais importante, com base no entendimento e cooperação entre os interlocutores na construção dos significados.



Preconceitos são significados que aceitamos sem perguntar pela sua validade para a vida social, ou melhor, eles já estão validados para nós sem que precisemos nos preocupar com isso.



Interlocutores são aqueles que estão envolvidos num processo de comunicação: emissor e o receptor; os dialogantes, enfim, são pessoas que interagem entre si na e pela linguagem, sabendo usá-la.



Pensem nos meios de comunicação com os quais nos relacionamos diariamente: TV, rádio, jornal, para citar os mais conhecidos. Que tipo de cooperação ou interação há entre quem emite (apresentadores, locutores e escritores) e quem recebe (espectadores, ouvintes e leitores) os significados? Como nós nos colocamos diante de um noticiário de televisão, por exemplo? Não vá adiante sem pensar nisso!

Com os meios de comunicação parece que não há interlocução. Somos espectadores, ouvintes e leitores. Só temos direito de entender aquilo que é dito sem poder questionar, pedir esclarecimentos, ter mais informações, embora recebemos informações, não estamos autorizados, socialmente, a questioná-las. Não existe interlocução.



Assista ao noticiário da televisão. Preste atenção em quem tem autoridade para participar da construção do significado dos acontecimentos. Quem são as pessoas que opinam e defendem algum significado sobre acontecimentos políticos, por exemplo?

A comunicação nos exige ações cooperadas e interativas. Isso quer dizer que, quando conseguimos nos comunicar é porque estamos juntos, uns com os outros.

Estar juntos, contudo, não significa que temos de chegar a acordos e produzir um significado coletivo. O caso é que, estando juntos, podemos interagir, participar, questionar o interlocutor, ter uma compreensão mais consistente do outro e, com isso, ficamos melhor informados e nos posicionamos melhor em relação ao que é dito. Aceitamos aquilo que o outro diz ou questionamos se há outros significados possíveis para o que está em pauta na comunicação.

Mas, na comunicação os interlocutores podem trocar diferentes perspectivas e se colocar no lugar um do outro. Nessa condição é que se estabelece o diálogo entre eles. Assim, eu posso muito bem aprender que a floresta tem um significado para o índio que não é o mesmo para mim. E posso aprender e compreender que a escola é uma coisa para os alunos e outra para os pais, por exemplo.



SEÇÃO 4: DIÁLOGO, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Diálogo, pelo que vimos antes, é a palavra compartilhada. Uma situação de interlocução ou interação, pela linguagem, em que todos têm direito à fala e, é claro, direito à escuta.

E porque o diálogo é fundamental na comunicação?

Ora, porque se as pessoas não buscam compartilhar, disputar e negociar significados, só nos resta repetir o que os outros dizem ou nem sequer escutá-los. Nesse caso, a vida social perderia o sentido.

Mas, como percebemos, a história da humanidade e dos grupos humanos é a história de transformações, de mudanças, de devir, justamente na tentativa de criar condições para a vida social. Assim, segundo o mais conhecido educador brasileiro, Paulo Freire:

O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos (...) Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres

humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem".⁸

O diálogo que vivenciamos na busca da comunicação nos leva a assumir uma postura crítica, isto é, uma postura de quem é e quer ser autônomo no pensamento e na ação. Essa postura assumida no diálogo pode nos levar a duas situações.

A primeira é a de produzir significados coletivos, acordos sobre o mundo, sobre nós mesmos, sobre a vida. Aqui a comunicação visa a disputa e a negociação, sem que as posições dos interlocutores sejam necessariamente trocadas.

A segunda, ao contrário, nos abre para múltiplas possibilidades de significação com base no fluxo das diferentes falas (culturas e pensamentos) que se manifestam no mundo, ao contrário da idéia de uma fala (cultura e pensamento) única e universal. Aqui a comunicação visa a expressão para que os diferentes possam trocar posições.



Procure pensar sobre as situações de diálogo que você participa na escola. Aquelas informais com os colegas na hora do cafezinho e aquelas institucionais, como uma reunião de trabalho. Você nota diferença. Em que consiste essa diferença? Para que fique bem nítido para você, procure descrever em detalhes uma e outra situação, para comparar melhor.



Pois em que consiste educar-se e educar senão em compreender e tomar posição frente ao sentido da fala e da ação (práticas e atitudes) do outro, para que possamos também falar e agir?

Numa ou noutra situação, **uma cultura do diálogo educa no diálogo**, isto é, pode possibilitar que os diferentes se encontrem para dizer uns aos outros o que pensam, como vivem e o que esperam da vida, além de possibilitar que desse encontro com o outro possamos nos colocar numa situação de buscar e criar significados.

Contudo, se quisermos compartilhar a palavra, não é apenas pela compreensão dos significados dela que conseguiremos. Nós precisaremos construir a situação de poder e validá-los. Não é porque um significado é compreendido que ele pode ser considerado válido, isto é, aceito. Voltando à situação da relação de vocês com este texto, por exemplo, pode ser que vocês não tenham nenhuma dificuldade de compreensão.

⁸Paulo Freire. Medo e Ousadia. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.122-3. (O cotidiano do professor).

Mas isso não significa que vocês o estejam aceitando para as suas práticas escolares.

Neste caso, uma educação dialógica é sempre uma educação crítica que consiste na possibilidade de os interlocutores trocarem de papéis, exporem o sentido daquilo que fazem ou dizem quando querem ensinar e aprender, de tal maneira que quem escuta possa questionar, duvidar, expressar outros significados até poder compreender e aceitar.

Então, podemos dizer que uma educação dialógica e crítica se afirma na base da interação, da interlocução, do diálogo e da argumentação, que compõem um momento de reflexão e significação conjunta, mas nunca apenas na disciplina, isto é, na repetição daquilo que as autoridades dizem.

SEÇÃO 5: ESCOLA, COMUNICAÇÃO E CIDADANIA

Na instituição escolar, espaço cultural e social, muitas vezes supõe-se que o significado das coisas, dos acontecimentos, das ações e o próprio conhecimento podem ser transmitidos transparentemente pela linguagem. Mas, se Platão estiver certo, precisamos pensar melhor nisso, não é? Sim, pois, como acabamos de ver, a linguagem não seria tão transparente assim como muitos supõem.

Que influências isso pode ter no nosso trabalho na escola?

Retomemos a situação do recreio que vocês observaram para pensar nos efeitos do simbólico em nós e na vida social para a qual nos educamos. Vamos tentar entender melhor isso.

Vimos que podemos construir significados a partir da observação de situações (novos conceitos) e de significações que já trazemos de outras experiências (preconceitos). Não é difícil notar que de alguma maneira, na linguagem, (no simbólico) regramos (disciplinamos) nosso comportamento. Com a significação modelamos valores, poderes e formas de inclusão e de exclusão nos grupos sociais. A linguagem tem o poder de cristalizar idéias, significados e comportamentos: “os alunos se sentem livres no pátio”; “Os alunos enlouquecem no pátio”.

São duas significações diferentes sobre o comportamento dos alunos, relativas à postura assumida por quem observa: de buscar compreender ou de verificar algo que já pensa. Es-



LEITURAS

BORDANAVE, Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
HOUAISS, Antônio. **O que é língua**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FILMES

Ilha das Flores, de Jorge Furtado
Domésticas – O Filme, de Nando Olival e Fernando Meirelles
Cidade de Deus, de Fernando Meirelles

As duas significações podem levar a tomada de decisões na escola, conforme aquilo que nela se tem entendido por educação, considerando que ela tenha um Projeto Político Pedagógico e que a comunidade tenha participado na construção do significado da educação proposto nesse projeto.

Pode-se pensar, por exemplo, com base na segunda significação, que gente louca é gente que não sabe e não pode conviver com outros, então é preciso discipliná-los para que possam se comportar como gente normal. A disciplina na sala de aula e o controle das pessoas no recreio seriam práticas educativas com esse fim. Contudo, nesse exemplo, não se questiona, se o comportamento exigido na sala de aula tem alguma coisa a ver com o comportamento do pátio, isto é, se a disciplina exigida em sala não afeta o comportamento no pátio. Será que afeta?

Como instituição que educa, a escola se faz em um espaço de participação, de compartilhamento, de disputa e de negociação de sentidos que implicam em transformações na vida pessoal de cada um dos que a frequentam e na vida social de todos.

Dá para dizer, então, que a linguagem tem uma dimensão comunicacional que nos possibilita compreender o significado expresso por alguém pelo diálogo, isto é, no momento da interlocução, quando dois ou mais indivíduos (duas ou mais culturas) se relacionam por meio da linguagem.

Nas relações e pelas relações que estabelecemos com a linguagem, com o mundo e com os outros na e pela linguagem é que nós criamos, mantemos, transformamos e recriamos nossas instituições, nossos valores, nossas relações, enfim organizamos nossa vida e nosso mundo dando a eles sentido e constituindo nosso modo de viver: nossa cultura e nossa identidade.



Entreviste alguns professores e funcionários da escola em que você trabalha (pode ser uns 10) e pergunte qual o significado do seu trabalho para a educação. Anote. Depois analise e reflita sobre as respostas e compare com o significado que você mesmo pensa sobre o que faz na escola. Os significados variam. Você percebe alguma coisa diferente sobre o seu trabalho que você ainda não tinha se dado conta. Você acha que com isso seu trabalho pode ficar diferente?

3

**Trabalho, práticas
culturais e educação**

Espero que a unidade anterior tenha ajudado vocês a pensarem o significado de mundo simbólico e como podemos nos tornar diferentes, para podermos estabelecer outros tipos de relação com o mundo e com os outros. Espero, também, que vocês possam ter o que significa “ser simbólico”: a condição que temos de simbolizar, significar e comunicar com a ajuda de signos e símbolos.

Agora, passemos ao terceiro problema que está envolvido na nossa investigação e reflexão sobre o devir humano e educador: qual a influência do trabalho no tornar-se humano?

Como o assunto trabalho atravessa vários módulos desse curso, vou levantar algumas questões rápidas sobre o trabalho como prática cultural. Questões que podemos começar a pensar aqui e continuar pensando ao longo do curso (e da vida).

Vocês devem lembrar que, na unidade I, relatei trabalho com uma dimensão prática do homem. Lembra-ram!? Trabalho como prática de transformação da natureza.

Vocês concordam com isso? Vocês pensam que trabalhar está muito mais relacionado com a ação, com a prática e com o que fazemos do que com o pensamento e com as coisas simbólicas? E vocês já pensaram o porquê disso? Isso parece ser assim porque trabalhando, mudamos as coisas materiais, não? Quer dizer, pensamos que trabalhamos quando percebemos os resultados práticos e materiais do que fazemos. Por exemplo, a sardinha que nadava livre nos mares, agora é sardinha enlatada. O petróleo que estava escondido no subsolo terrestre, agora é combustível. As árvores da floresta que guiavam o índio e me assustavam, agora viraram móveis de madeira. São inúmeros os exemplos e todos eles estão ao alcance dos olhos e das mãos, são tangíveis.

Mas não podemos nos enganar sobre essas questões, pois com o trabalho também transformamos as coisas materiais em coisas simbólicas: linguagens, valores, idéias. O que se faz com os braços, também se faz com o pensamento. E vice-versa. Com a diferença de que com os braços trabalhamos com força física, e com o pensamento usamos força intelectual. Contudo, não é difícil notar que pensamos quando traba-

lhamos fisicamente e, de alguma maneira, usamos força física no trabalho intelectual.

Então, mesmo que o nosso trabalho aparentemente exija apenas força física, há nele, também, forças simbólica e normativa. É sobre isso que eu gostaria de investigar e de refletir com vocês nesta unidade. Vamos tentar transformar a situação em um problema a ser investigado, partindo das seguintes perguntas: o que o trabalho pode ter a ver com o conceito que temos de nós mesmos, com a nossa identidade? Será que nosso trabalho tem alguma coisa a ver com o que somos e pensamos que somos? Trabalhando estamos educando? Se educamos e nos educamos no trabalho, como isso acontece?

SEÇÃO 1: TRABALHO: CONCEITO

Começemos, então, pelo significado de trabalho, que é o conceito central nesta unidade.

Na unidade anterior vimos como simbolizamos e significamos o mundo pela palavra e como, com isso, podemos tomar consciência e/ou nos enganar no que pensamos sobre o mundo e sobre os outros. Vimos também que os significados são criados por nós e, portanto, podemos transformá-los, esquecê-los e recriá-los. Nesse sentido, há uma primeira pergunta: o que significa trabalho para nós?

Antes de seguir a leitura, escreva o que você pensa que é o trabalho. Ao final da unidade, retome o que escreveu e faça uma crítica.



A origem da palavra trabalho está no substantivo da língua latina *tripalium*, que era usado para nomear um instrumento agrícola formado por três paus pontiagudos, usado para bater cereais, há a hipótese de que também teria sido usado como instrumento de tortura. A esse substantivo liga-se o verbo *tripaliare*, cujo significado é torturar.

Como podemos notar, o **significado etimológico** da palavra trabalho tem a ver com sacrifício, com dor, com sofrimento. Foi com esse significado que a tradição do pensamento ocidental pensou o trabalho.



Etimologia é o estudo da origem das palavras. Muitos pensadores buscam na etimologia elementos para entender melhor o significado corrente ou para mostrar como o significado foi transformado pelo movimento histórico.



No Brasil, ainda hoje, temos notícias de que pessoas são escravizadas por outras, o que é, por direito, considerado crime.



Entre os antigos gregos o trabalho era relacionado com a escravidão. A escravidão, na filosofia de Aristóteles⁹, por exemplo, funda-se no pensamento de que há homens que, naturalmente, não podem ser considerados humanos pelo seu modo de viver, porque dependem do trabalho para sobrevivência.

Entre os romanos o trabalho seria uma espécie de castigo, uma punição para os derrotados nas guerras. Os romanos **escravizavam** os povos dominados pela força de seus exércitos. Já entre os cristãos, na Idade Média, o trabalho era associado à dor, ao sofrimento e à servidão. Para os gregos, ao final da Idade Média, o trabalho era símbolo de exclusão social, ou, pelo menos, as pessoas que dependiam do trabalho não participavam da vida social e política.

Como assim “símbolo” de exclusão?

Não é difícil compreender. Alguns trabalhavam para a sobrevivência de todos, enquanto outros se dedicavam ao conhecimento, à espiritualidade e ao governo. Nisso o verdadei-

⁹Filósofo grego que viveu no século IV a.C.

ro homem se aproxima mais das coisas espirituais, enquanto aqueles que produzem apenas as condições materiais de sobrevivência (para si e para os outros) estão mais próximos da animalidade, segundo uma visão etnocêntrica, é claro. Ou seja, o trabalho era coisa de bicho.

É que, na antiguidade, a verdadeira vida humana, a vida ideal, a natureza humana, estava na vida contemplativa; na vida dedicada ao conhecimento e à virtude moral. A vida contemplativa é aquela em que se pode dedicar exclusivamente ao pensamento e às coisas da alma e do espírito, para atingir a perfeição e o encontro com as forças superiores da natureza ou coisas divinas.

Contudo, a partir do Renascimento (séculos XV e XVI na Europa) e com a modernidade, o trabalho ganha um outro significado: ele passa a ser considerado como uma força de criação, como modo de intervenção humana na natureza, para transformá-la. Segundo Hegel, filósofo alemão no início do século XIX: “foi com o trabalho que o ser humano “desgrudou” um pouco da natureza e pôde, pela primeira vez, contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais”¹⁰. Quer dizer que, diferentemente dos antigos e medievais, os modernos passam a ver a humanização no trabalho e não mais apenas sofrimento e castigo.

Esse significado dá uma outra importância ao trabalho. Ele já não é mais símbolo de exclusão, mas é o modo como o homem se afirma diante da natureza. Os homens já não buscam apenas contemplar a natureza, querem também agir sobre ela. Na modernidade, então, é que o trabalho é valorizado como prática cultural pela qual o homem deixa de sentir submetido às forças da natureza, passando a se sentir dono do seu nariz. Isso significa: o homem ganha liberdade e faz a sua própria história, pelo trabalho. Contudo, esse homem de que se fala é apenas um conceito, como vimos na unidade I.

Considerem o que pensam que é o trabalho e o que significa trabalhar para vocês. Vocês concordariam com Hegel de que pelo trabalho os homens se tornam livres da natureza e produzem a sua história com liberdade? E na relação entre os homens, podemos pensar o mesmo, de que as relações de trabalho são livres?



¹⁰Citado por Konder, Leandro. O que é dialética? 22ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 24.

Esse é um significado possível para trabalho. Para mim, nesse momento, trabalho significará o modo como, diferentemente de outros animais, o homem pode projetar e produzir os meios para sobreviver e viver melhor. Ou seja, trabalho será a palavra que utilizaremos para significar a atividade humana ou a prática cultural pela qual transformamos a realidade e construímos material e simbolicamente o nosso mundo: cultivando alimentos, criando instrumentos, construindo moradia, sabedoria, normas de comportamento e de relação, etc. Com essas práticas nos educamos e nos posicionamos no mundo humano, como homens e mulheres.

Trabalho, bem entendido, não é o mesmo que emprego. Ter emprego significa ocupar um cargo ou um posto de trabalho socialmente reconhecido. Contudo, mesmo que não tenhamos um emprego não deixamos de trabalhar, isto é, de produzir as condições materiais e intelectuais de vida, ainda que essas condições sejam apenas individuais ou familiares.

Podemos dizer, assim, que toda prática cultural é trabalho, na medida em que com elas agimos em um mundo já construído, para transformá-lo em outro mundo com a esperança de uma vida social melhor.

SEÇÃO 2: TRABALHO, TÉCNICA E TECNOLOGIA

O mundo, hoje, não é mais o que já foi alguma vez. Nem o mundo natural, nem o mundo humano. Isso porque, além das forças da natureza, a força do trabalho humano atuou para transformá-lo. Mas, não só a força física. Também a força intelectual. O próprio homem desenvolveu instrumentos e formas de trabalhar e produzir as condições para sobreviver e viver melhor, de tal maneira que mudou as próprias condições de trabalho.

O que quero dizer com isso?

Quero dizer que o mundo humano é o mundo da cultura, produto da simbolização, do regramento e da produção de homens e mulheres.

Com a simbolização somos capazes de registrar e construir

significados. Com isso produzimos conhecimentos.

Com o regramento organizamos, hierarquizamos e controlamos (disciplinamos) as nossas relações com os outros. Organizamos a vida social.

Com o trabalho agimos sobre a natureza e sobre nós mesmos. Com isso produzimos material e simbolicamente as condições de vida de homens e mulheres.

Assim podemos conhecer, significar, planejar, organizar e fazer (produzir) o que é necessário para a sobrevivência e para o bem-estar de todos.

Precisamos de conhecimento para produzir e usar o que temos disponível para nossa vida. Meios de comunicação a distância como a TV, o telefone, o celular, o rádio, a internet; equipamentos hospitalares que permitem fazer exames com precisão; equipamentos domésticos como geladeira, fogão, microondas, etc. só existem porque o homem aprendeu a produzir e usar o seu conhecimento e, com isso, aprendeu a produzir instrumentos que o ajudam a produzir outros conhecimentos e novos equipamentos, para usá-los com outros e novos fins.

A criação e produção desses equipamentos acontecem graças à técnica e à tecnologia. Mas o que significam a técnica e a tecnologia?

Técnica significa um tipo de conhecimento prático que construímos para reproduzir o mundo material e simbolicamente.

Em palavras mais elaboradas, técnica é um tipo de conhecimento que precisaríamos construir para obter melhores resultados no trabalho, na educação, na economia, na política, enfim em qualquer tipo de atividade, sobretudo úteis à produção das condições da vida coletiva. Esse trabalho que fazemos com conhecimento de técnicas é um trabalho técnico, profissional.

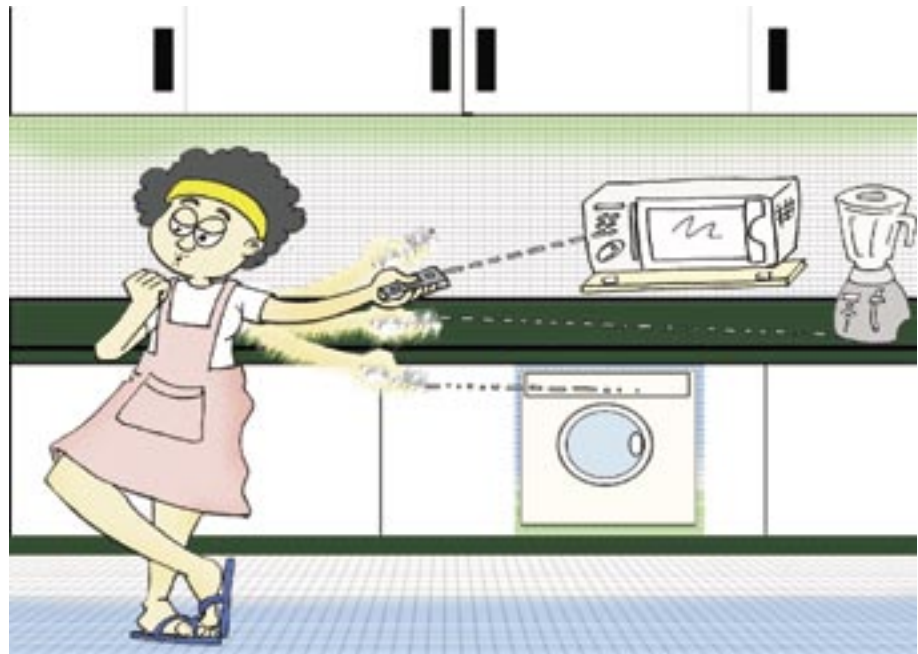
Por exemplo, a cozinheira domina a arte de cozinhar. Ela tem experiência prática nisso. Na medida em que ela registra o que faz e possibilita a reprodução dessas práticas, para que ela mesma ou outra pessoa possa fazer as mesmas ações

para obter os mesmos resultados, temos um conhecimento técnico: um conhecimento que nos diz o que e como fazer para preparar uma refeição gostosa.

Já a tecnologia significa um conhecimento construído pela investigação sobre as técnicas, isto é, tecnologia seria o estudo das técnicas mais apropriadas (eficientes, eficazes, competentes) a serem aplicadas na produção, circulação e comercialização das coisas que produzimos. Tecnologia significa, ao mesmo tempo, um conhecimento que indica a necessidade de invenção e de produção de equipamentos que tornem mais eficientes, eficazes e competentes as nossas ações.

Por exemplo: a invenção do fogão à lenha, depois a gás, depois o forno elétrico, depois o forno de microondas. Todos são resultados da evolução tecnológica, em que um equipamento vai superando o outro, com agilidade, eficiência e eficácia no cozimento. E, parece claro, cozinhar em microondas muda as práticas de cozimento, muda as refeições e os hábitos alimentares, ou seja, as condições materiais de cozimento e alimentação se tornam diferentes. Com isso, os significados e valores alimentares também mudam.

Não é difícil perceber que o trabalho se torna diferente e o trabalhador, no caso, por exemplo, da cozinheira que prepara o alimento e do secretário que elabora documentos escritos, também.



Sua escola dispõe de tecnologia? Quais e em que espaços da escola? Como ela tem sido utilizada nas práticas diárias da escola?

Para fazer seu trabalho você precisa de conhecimentos técnicos? Procure descrever como você faz o seu trabalho para saber disso.



Seção 3: Trabalho manual e trabalho intelectual

Se toda prática cultural é trabalho e as práticas culturais são diferentes, logo, podemos notar que há diferentes tipos de trabalho e que há diferentes formas de trabalhar. Ou seja, quando o homem percebe que pelo trabalho ele pode garantir sua sobrevivência e viver melhor, o trabalho torna-se o centro da organização da vida social. Essa organização que vai dividir o trabalho entre os homens e vai sofrer transformações históricas, pelo aparecimento de novas condições de trabalho. Essas novas condições de trabalho, que acabamos de ver, dizem respeito às transformações técnicas e tecnológicas do mundo.

Considere o conceito de trabalho que vimos antes. Observe se há trabalho na escola em que você trabalha. Se houver, procure descrever em que consiste e se está dividido em tipos de trabalho específicos. Liste e descreva cada um dos tipos de trabalho realizados, procurando ver se há alguma hierarquia entre eles e como essa hierarquia é estabelecida.



Escrevi anteriormente que há tipos diferentes de trabalho e que na organização social o trabalho é dividido, servindo como elemento de regramento e hierarquização na sociedade. Uma das divisões que ocorrem é aquela que separa trabalho manual e trabalho intelectual.

Pelas rápidas informações históricas apresentadas na seção sobre o conceito de trabalho, espero que vocês tenham podido perceber que o trabalho desvalorizado, usado para punir, fazer sofrer e excluir, é o trabalho manual, isto é, aquele que supostamente exige apenas força física.

Essa divisão se baseia na diferenciação entre teoria e prática que se coloca na organização social pelo menos desde os gregos antigos e que se tornar mais enfática no mundo moderno, com as transformações na economia a partir da revolução industrial (século XVIII).



A divisão entre trabalho manual e intelectual remonta a Aristóteles e sua classificação do conhecimento em teórico e técnico e este em ação e fabricação.

Tal divisão favorece a hierarquização na sociedade, que põe o saber teórico ou trabalho intelectual ao lado do poder e o trabalho manual sob domínio e controle do saber. Isso leva a crer que existem pessoas que sabem mais e outras que sabem menos; que existem pessoas cultas e pessoas incultas; que as pessoas cultas (que sabem mais) são melhores, mais humanas do que as incultas (que sabem menos). Ou seja, há uma significação e valorização do trabalho intelectual em contrapartida a uma desvalorização do trabalho manual, o segundo subjugado, ficando o trabalho intelectual para quem “sabe mais” e o trabalho manual para quem “sabe menos”.



Você concorda com isso que leu agora? Você pensa que algumas pessoas valem mais do que outras? Por causa do conhecimento que têm e do trabalho que fazem, você percebe essa diferenciação na escola? Procure descrever a organização do trabalho na escola e pense: algum tipo de trabalho é mais importante que os outros na educação?

SEÇÃO 4: TRABALHO, ALIENAÇÃO E EDUCAÇÃO

As relações entre trabalho e educação deverão ser estudadas no módulo 5. Aqui cabe chamar a atenção de vocês apenas sobre a visão simbólica que a modernidade cria para o trabalho, tornando o humano uma abstração de si. Um sujeito sem rosto.

Como assim?

É que com a revolução industrial, o conhecimento e os equipamentos técnicos e tecnológicos tornam o trabalho mais mecânico, mais previsível e dividido. Assim, qualquer um que tenha um mínimo de conhecimento pode fazê-lo.

Assim, o trabalho parece uma espécie de espaço vazio que o trabalhador vai preencher. Quando um estiver cansado, ele

é dispensado e outro entra em seu lugar.

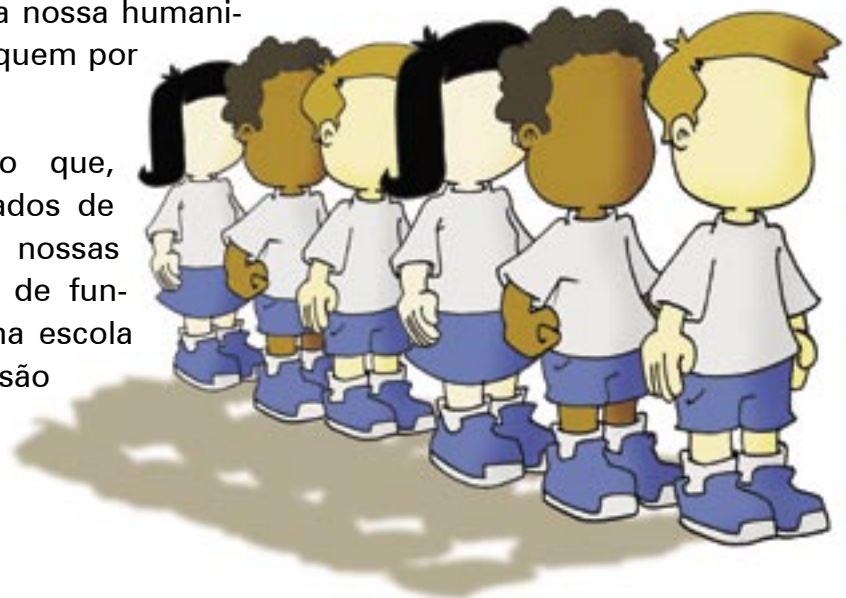
O trabalho já não é mais trabalho. É uma função social e o trabalhador já não trabalha mais, naquele sentido de transformar livremente a natureza e a ele mesmo, para produzir-se como humano. Passa simplesmente a cumprir uma função cujo fim ele desconhece, não tem consciência. Essa falta de consciência do homem no trabalho, simplificada, chamaremos de alienação.

Converse com alguns colegas de trabalho, os funcionários educadores. Pergunte se o que eles fazem na escola tem algum objetivo educativo. Tente saber se o objetivo do trabalho na escola tem a ver apenas com a presença das crianças ou se teria algum outro objetivo que não esteja imediatamente relacionado com a escola.



Bem, se trabalho é toda a prática cultural, como eu disse, podemos dizer que, educando, estamos trabalhando e vice-versa. Você concorda? Agora, se no trabalho e na educação que fazemos nos esquecemos que o que fazemos faz parte do tornar-se humano, então trabalhamos alienadamente. Consequentemente, educamos sem saber que educamos. Se for assim, no trabalho e na educação que fazemos, ao mesmo tempo, nos esquecemos da nossa humanidade e da humanidade de quem por nós é educado.

Decorre dessa situação que, no trabalho, somos chamados de trabalhadores; exercendo nossas funções somos chamados de funcionários; assim também na escola crianças, jovens e adultos são chamados “alunos” e não conseguem se sentir nem se chamar humanos.



SEÇÃO 5: ESCOLA, TRABALHO E CIDADANIA

Então, pessoal, nesta seção, vou resumir a relação do trabalho com a escola e a cidadania.



Para que direção estamos indo? Não sabemos, apenas estamos indo...

Primeiro, significamos trabalho como prática cultural pela qual transformamos o mundo já existente. Vimos que o trabalho é um símbolo central na organização da vida social, pois dele depende as condições de sobrevivência da humanidade, seja o trabalho manual ou intelectual. Vimos que as condições de trabalho mudam com as transformações técnicas e tecnológicas e que, em decorrência disso e de outros fatores, trabalho e trabalhador ficam alienados das finalidades da ação do trabalho, que é a construção do humano na sua humanidade.



Vimos que em qualquer tipo de trabalho nos transformamos e educamos e se o nosso trabalho é realizado num espaço especificamente criado para educar, a escola, precisamos ter claro para nós que direção desejamos para a educação que realizamos no nosso espaço de trabalho.

Chamo a atenção de vocês, novamente, ao fato de que, na escola, assim como em qualquer espaço social, estamos sempre educando. Sabendo disso, podemos, então, agir de forma profissional, cidadã e humana, tendo consciência do que fazemos e para que fazemos. Isto é, precisamos decidir qual educação ofereceremos aos alunos das escolas em que trabalhamos.



Faça um exercício. Convide alguns alunos para passar meia hora junto com você no seu espaço de trabalho (na cozinha, no pátio, no banheiro, na secretaria) e procure explicar a ele o que você faz, por que e para que está fazendo. Diga a eles, também, qual a relação e a importância do seu trabalho na educação deles. E, é claro, deixe-os perguntar e dizer o que pensam também. Depois, relate a experiência por escrito, compare-a com os resultados da atividade da unidade anterior, sobre o significado do seu trabalho e entregue ao seu tutor, como parte integrante do memorial.

Para essa unidade, o importante era pensar um pouco sobre as relações entre trabalho, educação e identidade humana. É claro que há muito mais coisas interessantes a serem pensadas sobre esse assunto!

Agora, como e com base em que podemos decidir sobre uma educação possível e desejável para as escolas públicas? Bem, a resposta a esse problema pode estar na próxima unidade.



LEITURAS

*ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.*

*KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981.*

*CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.*

FILMES

***Tempos modernos**, de Charles Chaplin*

***Eles não usam black-tie**, de Leon Hirszman*

4

**Valores, práticas
culturais e educação**

Muito bem, chegamos ao ponto de perguntar pela influência dos valores no devir humano, na constituição da nossa identidade de educadores profissionais.

Valores? Vem cá, nossa identidade tem valor? Quanto custa? Podemos comprar? Podemos trocar? Podemos vender? Precisamos pagar por ela?

Calma, gente! Essas perguntas se referem a apenas um tipo de valor, que é o valor de mercado, isto é, o preço estipulado na troca de uma mercadoria por dinheiro. O valor de mercado tem uma forte influência na organização do mundo humano, atualmente. Tanto que quando falamos em valor, logo pensamos em dinheiro.

O valor de mercado me interessaria aqui apenas para chamar a atenção de vocês para que a educação, elemento central na constituição da identidade, tem sido valorizada como mercadoria de uns tempos para cá. Mercadoria cara! Não é para qualquer um não!

Ai vocês devem perguntar: e quem não puder pagar o valor de mercado, como fica?

E eu respondo: para essa cultura que valoriza tudo como mercadoria, quem não puder pagar fica de fora, fica excluído do mercado! Simples, não!?



É claro que não é assim tão simples, pois a educação e a identidade têm outros preços que não os do mercado, pelos quais não precisamos pagar em dinheiro, mas com a própria identidade humana: estéticos, éticos, políticos, humanos.

Vocês querem saber qual desses preços é mais caro? Se é o do mercado ou dos outros?

Bem, essa é uma questão que precisaremos decidir. Precisaremos por na ponta do pensamento para saber o valor de cada qual.

O que você se perguntou? Quer saber do que é que eu estou falando quando falo em valores e em valoração?

SEÇÃO 1: O CONCEITO DE VALOR

Quando falo em valores, falo daquelas referências simbólicas pelas quais damos ou não importância ou peso às coisas, às pessoas, às idéias, às ações e aos acontecimentos. Os valores não nos deixam ficar indiferentes ao mundo e aos outros. Com base neles dizemos: Isto é caro! Aquilo é feio! Fulano é honesto! Isso que você fez foi uma injustiça comigo!

Dar importância ou não e dar uma opinião é o mesmo que valorar ou atribuir valor a alguma coisa, a alguma pessoa, a alguma idéia, a alguma ação. Por isso, quando valoramos não ficamos neutros. Assumindo uma posição sobre aquilo que valoramos diante de outras posições possíveis e, assim, disputamos, negociamos e construímos significados e valores para a nossa vida e nosso mundo. Para a vida e o mundo nos quais nos encontramos com outros: a vida social e o mundo humano. Logo, também os valores são construídos socialmente, culturalmente.

Sendo construídos socialmente, os valores não estão nas pessoas, nem nas coisas, nem nas idéias, nem nas ações e nem nos acontecimentos. Tampouco estão nas pessoas que atribuem valor a eles. Os valores resultam de juízos (aquilo que dizemos) que fazemos conforme a relação que estabelecemos com as pessoas, com as coisas, etc., aceitando-os ou rejeitando-os, mas jamais ficando indiferentes. Por exemplo, podemos valorizar o trabalho dizendo: “Trabalho é liberdade!” ou dizendo: “Trabalho é sacrifício”.

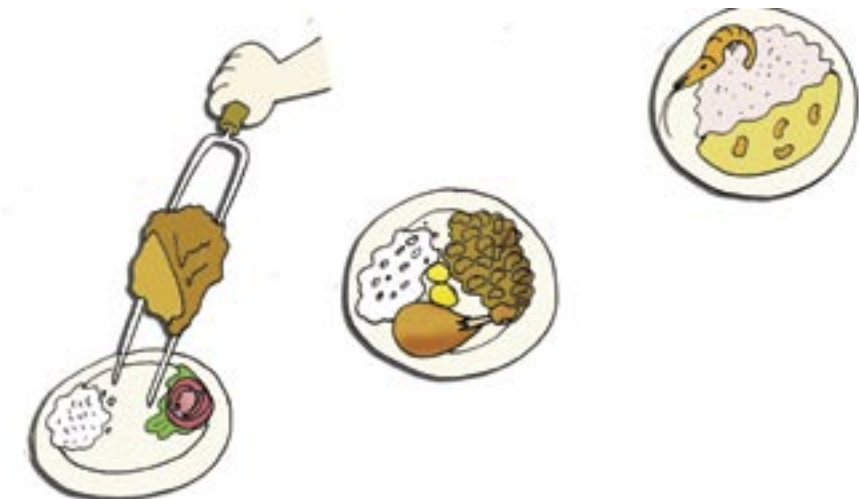
Ao mesmo tempo, como nascemos num mundo cheio

de significados e valores criados por nossos antepassados, aprendemos a valorar (atribuir valor, avaliar, apreciar) afirmativamente certas coisas (gostamos, achamos importantes) e outras valoramos negativamente (não gostamos, não achamos importantes)..

Não é difícil de entender isso, é? Em todo o caso, vamos a um exemplo do nosso dia-a-dia: a alimentação. Sabemos bem que no Brasil há uma enorme variação geográfica (clima, vegetação, solo, etc.). Essa variação oferece diferentes repertórios alimentares (frutas, carnes, refeições, temperos, etc.) nas diferentes regiões, do Rio Grande do Sul ao Amapá. Assim, as pessoas aprendem a gostar de comer certas coisas enquanto outras aprendem a gostar de outras. Se me perguntarem, por exemplo, se um churrasco de costela bovina é mais ou menos gostoso do que carne de bode assada (vejam que são dois pratos semelhantes), eu não terei dúvida em dizer que o churrasco é mais gostoso. E vocês, dirão o mesmo? E entre pinhão¹¹ e pinha, o que vocês preferem?

É diferente dizer, por exemplo: “o pinhão é marrom e a pinha é verde” do que dizer que “o pinhão é mais gostoso do que a pinha”, não é? A segunda expressão é tipicamente um juízo de valor. Na comparação eu digo que pinhão é melhor do que a pinha.

Nossas preferências alimentares são bons exemplos para entender como valoramos, apreciamos, avaliamos: os alimentos têm sabores, mas nós só dizemos se são mais ou menos gostosos conforme os sentimos em nós. Conforme o nosso gosto, que aprendemos a ter a partir dos nossos hábitos alimentares.



¹¹Pinhão é a semente do pinheiro-do-paraná ou araucária, árvore de floresta de clima frio. Pinha é o fruto da pinheira, semelhante à fruta-do-conde, típica das regiões de clima quente

Entretanto, os valores não expressam apenas os nossos gostos. Com eles expressamos nossos sentimentos – valores estéticos -, o modo como nos relacionarmos com os outros no dia-a-dia – valores morais -, bem como nossas posições em relação às coisas públicas – valores políticos -, como veremos a seguir.

Como são as refeições servidas na sua escola? Elas contêm alimentos típicos da região, com frutas, sucos, etc., ou elas seguem um outro padrão alimentar? Investigue junto aos alunos o que eles prefeririam comer na escola. Faça um questionário com algumas opções de cardápios, mostre a elas e peça que respondam qual preferem. Mas não se assuste se a resposta for sanduíche de hambúrguer...



Seção 2: Valoração estética

Vocês talvez já tenham passado em frente a um salão de beleza. Talvez até já tenham entrado em um deles para fazer algum tipo de transformação no corpo: cortar o cabelo, fazer um penteado, arrumar as unhas, uma maquiagem, enfim... Quando fizeram isso, o que esperavam? Suponho que esperavam mudar a aparência para uma mais agradável, mais bela, mais interessante. Mas tudo isso aos olhos de quem? Como sabem se ficaram mais belas e belos, interessantes e agradáveis?

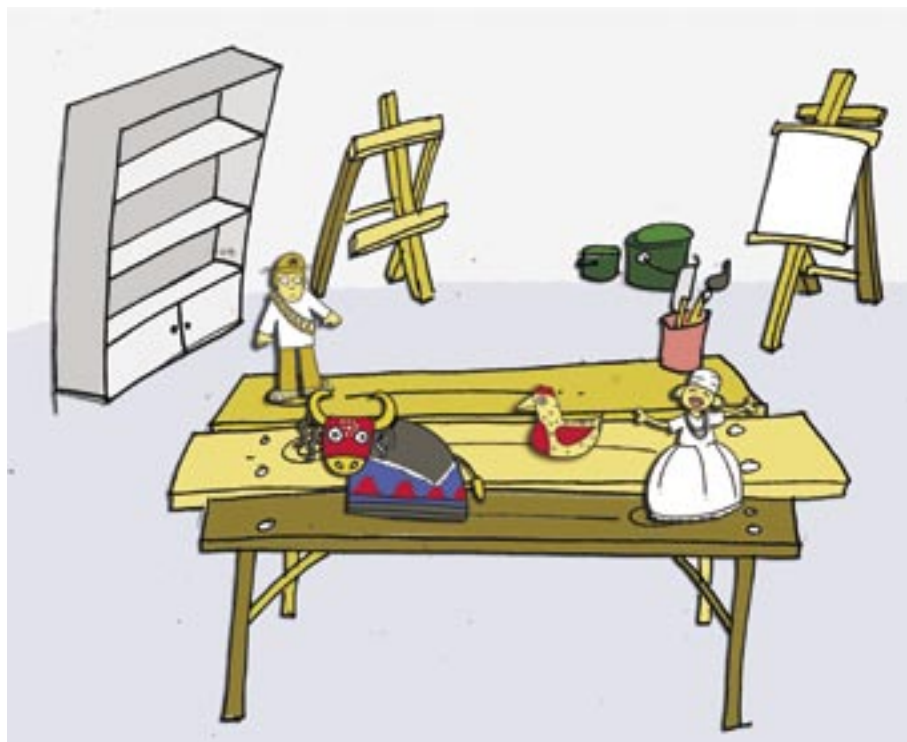
65

Um outro nome que se tem dado aos salões de beleza, de uns tempos para cá, é o de salão de estética, vocês já notaram? E vocês conseguem fazer alguma relação entre “salão de beleza” e “estética”? Entre ter uma aparência mais agradável e valor estético?



Essa reflexão não foi difícil. Pois é, a estética diz respeito a nossa afetividade e sensibilidade; a como percebemos e sentimos as coisas, as pessoas, as idéias. Para expressar esses sentimentos, nós nos valem de diversas possibilidades: a fala, a escrita, os gestos, o desenho, a música, o artesanato, a dobradura, a aparência do nosso corpo... Enfim, fazemos me-

táforas, transformamos nossos sentimentos em signos para dizer aos outros como nos sentimos e como sentimos as coisas, as pessoas, os acontecimentos, a vida social.



Vocês devem ter notado que a arte é o elemento cultural que criamos para manifestar nossos sentimentos estéticos; elemento importantíssimo, então, de uma cultura e da educação nessa cultura. Pela arte nos sensibilizamos para apreciar o gosto, o prazer e a beleza, assim como o desgosto, a dor e a feiura. Também podemos expressar a vida como comédia ou tragédia através da arte.

Mas, e quanto aos valores estéticos? Quando é que valoramos esteticamente o mundo?

Valoramos esteticamente quando dizemos se alguma coisa é **bela ou feia**, se é **agradável ou desagradável**, se causa prazer ou dor, se é de rir ou de chorar, por exemplo. Quando dizemos isso estamos atribuindo valor estético a essa coisa.

Até aí tudo bem. Todos têm liberdade para se expressar e valorar a expressão dos outros. O problema é quando, num mundo em que podemos ter acesso ao outro e ao diferente, percebemos certos padrões de aparência e de beleza que não são os nossos. Não são aqueles criados na nossa cultura e que, muitas vezes, sequer nos são possíveis, mas que, contudo, entram e fazem parte das nossas vidas como se fossem



Um exemplo de certos padrões de aparência e de beleza que não são os nossos são os modelos e manequins humanos: magros, altos, sorridentes e, até bem pouco tempo, brancos. É como se fossem a perfeição e tivessem de agradar a todos. Daí sonhamos em ser como eles ou tê-los presente nas nossas vidas.

naturais e válidos para todo mundo. Apoderam-se das nossas significações e põem em cheque os nossos próprios padrões estéticos.

O que pode acontecer nessa situação?

Um dia, mobilize a escola para fazer uma refeição diferente, mais colorida, mais sortida, mais enfeitada, com um cardápio diferente. Investigue, observando e conversando com os alunos, o que eles consideram mais importante para comer bem: se é a fome, o valor nutritivo dos alimentos ou se são o sabor e a imagem das refeições. Talvez isso ajude a responder a questão anterior.



Ao longo da minha escrita, insisto na importância de nos colocarmos no lugar do outro, de valorizá-lo. E vice-versa, insisto na importância de nos valorizarmos diante dos outros. Quando o outro coloca nossos valores em xeque, ele nos põe numa situação crítica, cuja consequência não é nem a supervalorização dos nossos padrões nem a nossa autodesvalorização em relação a ele. Ou seja, assumindo uma postura crítica, o que pode acontecer são transformações na nossa cultura e na do outro. Assim, podemos receber a imagem do outro sem que precisemos desvalorizar a nossa própria. Construimos uma nova sensibilidade para a valoração estética.



Na escola isso é importantíssimo. Possibilitar que as pessoas possam expressar e trocar seus sentimentos, sua imaginação, suas intuições, seus gostos; é valorizar a criatividade e a construção de maneiras diferentes de produzir sua própria imagem e participar da desconstrução e reconstrução da cultura.

Pergunte-se: o que me agrada e me provoca maior emoção, alguma coisa engraçada ou alguma coisa triste? Peça na biblioteca da escola ou na biblioteca municipal ou a algum amigo, dois textos literários. Um engraçado e outro triste. Faça a reflexão com base na leitura e no sentimento seu em relação aos textos. Aprecie também a escrita dos autores, se são textos que dão prazer na leitura ou se são textos chatos.



SEÇÃO 3: VALORAÇÃO ÉTICA

Somos educados no convívio social e nesse convívio, óbvio, nos relacionamos com outras pessoas. Para que esse convívio se mantenha, cada um tem de corresponder às expectativas dos outros. No esforço dessa correspondência, seguimos certas regras que orientam nosso padrão de comportamento. Nos tornamos morais ou éticos, na educação, no convívio com os outros, sabendo valorar os comportamentos e ações dos outros e, sobretudo, os nossos próprios comportamentos e ações.

No convívio, quando somos obrigados a agir de determinada forma, conforme regras com as quais não concordamos ou não participamos da sua construção, dizemos que não somos nós que decidimos como agir. Então nos chamamos heterônomos.

Ao contrário, quando nós mesmos decidimos como agir, aceitando para nós as regras de convivência e participando na sua construção, dizemos que somos autônomos.

Mas, bem-entendido, ser autônomo não significa que podemos agir a revelia do grupo. Ao contrário, nossa autonomia é relativa aos interesses do grupo. Por exemplo: se você sabe e participou da construção do projeto político pedagógico da escola, que orienta para uma educação crítica e participativa, você será autônomo para pensar e realizar práticas coerentes com isso. Mas você não será autônomo pensando e realizando práticas que contrariem essa orientação escolar.

Temos aí dois valores morais que nos ajudam a decidir sobre os nossos comportamentos e ações: heteronomia e autonomia, o que é melhor para a vida social?



Já vimos que a escola é um lugar de convívio. Nas práticas que realizamos na escola, levamos em consideração as regras e quem as dita. Quais são as regras consideradas mais importantes na sua escola: aquelas que estão afirmadas nos documentos legais como o regimento e projeto político pedagógico ou as que são as da prática cotidiana, que não estão escritas em lugar nenhum?

As práticas que realizamos no dia-a-dia estão cheias de re-

gras e de valores morais. Os valores, portanto, não nos são impostos, eles resultam do convívio e, por que convivemos, nós os aceitamos ou os recusamos, conforme a validade para o convívio, isto é, conforme nossa **consciência moral**.

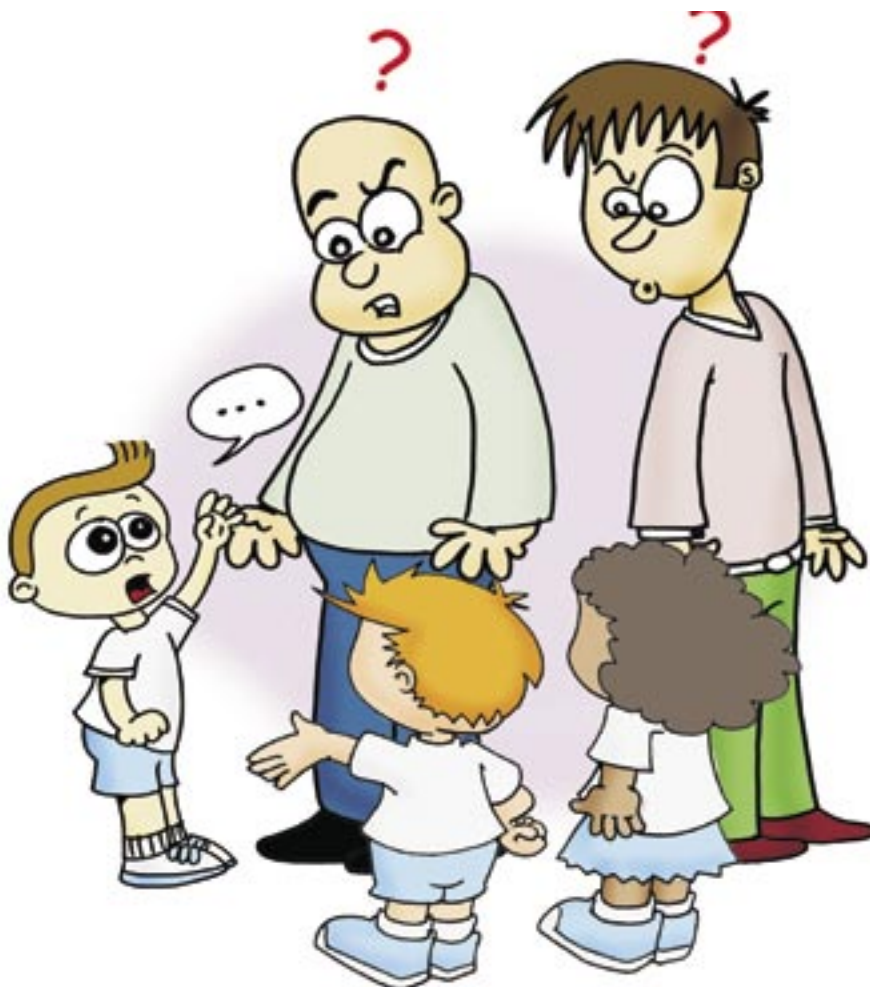
Assim, costumeiramente, temos chamado de moral o conjunto de regras e valores sociais que organizam e orientam o comportamento e a ação dos indivíduos na convivência. Entre muitos podemos citar: a amizade, a responsabilidade, a autonomia, o respeito, a honestidade, a solidariedade, por exemplo. Com base neles, podemos dizer se o comportamento de alguém faz bem ou faz mal para o convívio.

Com base nos valores éticos ou morais, então, podemos decidir sobre o que vale a pena ou não fazer para nossas vidas junto com os outros.

Por exemplo, em sua opinião, as crianças devem ficar caladas ou podem participar de uma conversa entre adultos, escutando e dizendo o que pensam? O que é melhor para o convívio nesse caso?



Consciência moral diz respeito às regras e aos valores percebidos em nossas práticas, para podermos decidir sobre sua validade no convívio, na vida social. Essa consciência vai depender dos fins buscados pelo grupo. Por exemplo, se o grupo busca a felicidade ou o bem, ou ambas as coisas, as regras e valores poderão ser diferentes.



SEÇÃO 4: VALORAÇÃO POLÍTICA

Um olhar político sobre nós mesmos nos identifica como cidadãos, isto é, indivíduos que compartilham um território e vivem nele organizados sob certas leis que os protegem em relação aos direitos sociais, independentemente das diferenças culturais.

Como cidadãos, participamos de um Estado que, além do território e das leis, é constituído por um conjunto de instituições de poder que legislam (poder legislativo), fazem cumprir a legislação (poder judiciário) e implementam políticas públicas para garantir e aumentar os direitos de todos (poder executivo). **Instituições de poder** sobre as quais e nas quais todos têm poder e direito de participar.



Não podemos confundir Governo e Estado. Como disse, o Estado é um conjunto de instituições. O Governo é um grupo de pessoas que ocupa o comando do Estado com um programa de políticas públicas para a construção da cidadania. Esse programa pode ser ou não elaborado com a participação dos cidadãos.

Como cidadãos, temos direitos e, em relação a esses direitos, todos somos iguais. Aí já encontramos um primeiro valor pelo qual podemos valorar a dimensão política de nossas vidas: a igualdade de direitos.

Não é por que somos cidadãos, contudo, que deixamos de ser humanos, embora muitas ações que praticamos ou que são praticadas por outros perdem o sentido da humanidade por atribuírem ao Estado e ao Direito uma existência independente dos cidadãos. Um exemplo disso é quando entendemos que o Estado deve garantir todas as condições para a boa educação na escola pública, esquecendo que somos co-responsáveis, como cidadãos, pela educação. Então, se o Governo faz descaso das escolas, por que é que nós iríamos nos ocupar com isso, afinal?

Como já vimos, o mundo humano é criado e produzido social, cultural e historicamente por nós. Logo, o Estado e os direitos (o Estado de Direito) também foram inventados como forma de organizar a vida social e não existem sem os cidadãos.

O Estado, por isso, não pode ser considerado como algo alheio e privado dos cidadãos. Uma visão dessas estaria alienada. O Estado (território, leis e instituições) é público e tudo o que está sob sua guarda é público. Sendo público, pertence a todos os cidadãos. Então, temos de ter responsabilidade para cuidar, conservar e transformar as coisas públicas e o próprio Estado, tanto quanto tudo o que criamos culturalmente. As coisas públicas devem ser socialmente controladas por quem de direito as possui: os cidadãos.

Participar da vida pública, sentir-se bem nela, ter motivos para estar nela, diz respeito à **cidadania**. A palavra cidadania, embora quase sem significado depois de tantos empregados, ainda ocupa lugar no que os governos pretendem para a educação escolar através das políticas públicas para a educação. Sobretudo na escola pública, mantida pelo Estado, pela qual somos co-responsáveis.

Então, participar significa assumir a responsabilidade, o compromisso com aquilo que pertence a mim e aos outros: as coisas públicas.

Tonarmo-nos cidadãos, assim, pela participação e pela responsabilidade que temos com as coisas públicas mantidas ou não pelo Estado, mas pertencentes a todos nós.

Nesse caso a educação escolar não é uma caridade do Estado, mas é um direito dos cidadãos, dos que são co-responsáveis pelo que o Estado faz. Bem-entendido, falo do Estado e não do Governo. Muito embora, preciso admitir, se um governo implementa políticas públicas contrárias ao bem-estar coletivo, bem...Ou ele exclui a cidadania ou ela o excluirá.

Exclusão e inclusão política, social e cultural são valores muito presentes nas discussões e estudos políticos atualmente. Por isso é interessante que levemos em consideração nas nossas valorações políticas esses dois valores. Qual é a melhor política: a que exclui ou a que inclui os cidadão na vida pública?

Você sabe o que é política de educação inclusiva? Procure se informar na sua escola com os diretores, colegas e professores. Depois procure saber, observando as práticas educativas, como e em que condições essas políticas acontecem na escola. E não se esqueça de anotar suas observações e reflexões, considerando a sua participação nessas práticas.

Temos, portanto, que cidadania, participação, democracia, igualdade de direitos, inclusão e exclusão são valores que não podemos dispensar para pensar e valorar a vida pública, a dimensão política das nossas vidas. Não podemos nos esquecer, certo!?



Cidadania é a palavra utilizada para dar significado à condição de ser cidadão: aquele que participa da vida pública e do Estado.





SEÇÃO 5: ESCOLA, VALORES E CIDADANIA

Espero que o que vocês leram, investigaram e pensaram nas seções anteriores desta unidade possa ter ajudado a construir uma significação sobre como a educação e o homem podem ser valorizados. Espero que tenham percebido que ambos são valorizados de diversas maneiras: economicamente, esteticamente, eticamente e politicamente foi o que vimos. E todos esses valores estão presentes ao mesmo tempo na escola e em tudo o que fazemos.

Por outro lado, há uma cultura e uma(s) política(s) que tem forçado a barra para que a educação seja valorizada como mercadoria e, com isso, parece que a nossa identidade humana e de educadores terá de ser paga. Mas o preço a pagar é um preço que precisamos decidir e que poderá ou não ser calculado em dinheiro.

Como temos visto desde a primeira unidade, a educação pode acontecer independentemente das nossas intenções de educar. Mas podemos entender, ao mesmo tempo, que quando da criação da escola, a educação se tornou intencional, como prática social. Com a criação da escola pública, a educação tornou-se um direito para que todos possam participar da vida social e ter acesso aos direitos de cidadania.

Considerando que na educação escolar as pessoas, as coisas, as ações e os acontecimentos são valorizados a partir de valores hegemônicos e que podemos nos posicionar sobre essa educação a partir de valores diferentes, parece que estamos na situação de disputar e negociar o que pode e deve e o que não pode e não deve estar presente na educação escolar. Isso faz da educação um ato político. O que você pensa sobre essa questão, levando em conta o que leu, percebeu e pensou no estudo desse módulo? Que valores poderiam ser compartilhados para uma vida coletiva em que todos possam se sentir bem? Como isso poderia se fazer presente na escola? Como podemos participar?

O direito à educação, como direito ao acesso aos direitos sociais, contudo, parece ser ambíguo, pois a educação escolar com vistas à cidadania e ao trabalho nos coloca diante de um dilema a ser significado e valorizado para que possamos

escolher e decidir sobre como nos posicionar: a educação, afinal, vale como mercadoria ou como direito?

Essa significação e valoração têm a ver com o projeto de vida social que imaginamos, sonhamos e esperamos alcançar. Para alcançá-lo, precisamos fazer escolhas e decidir sobre o que precisamos para viver essa vida. Com base em valores fazemos escolhas, tomamos decisões, dizemos o que é e o que não é importante, o que vale e o que não vale à pena fazer. Então, significações, costumes, regramentos, padrões de comportamento terão sua importância colocada em jogo na escola e em todos os espaços educativos onde precisamos valorar o que é feito como educação.

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Lei 9.394/96) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tal como penso, valorizam o trabalho e a cidadania como contextos que dão sentido àquilo que deve ser aprendido na escola. E o que precisa ser aprendido, pela orientação da LDB e dos PCN, são **competências** para participar da vida produtiva (trabalho) e da vida pública (cidadania): competências técnicas, cognitivas, reflexivas e inventivas.

Essas competências, que estão no centro da organização curricular das escolas brasileiras, têm a ver com os eixos estruturais da educação na sociedade contemporânea, que propõem uma cultura globalizada, que exige uma educação global (a mesma para todos os cidadãos do mundo) com foco em: aprender a conhecer, a fazer, a viver e a ser, o que traz implicitamente a idéia de flexibilidade no trabalho e que exige dos indivíduos iniciativa e responsabilidade própria sobre o que fazem.

Podemos notar, assim, que os PCN e a LDB não dissociam formação para o exercício da cidadania e preparação para o trabalho, procurando, ao contrário, articulá-las na escola, o que me permite levantar a suspeita de que as competências para o exercício da cidadania não diferem das competências para o trabalho.



Tal como entendo, competências são as condições pessoais que temos para cumprir e ocupar uma função e responder às exigências da sociedade. Se não tivermos competência, então não poderemos competir com outros que disputam a ocupação dessas funções conosco.

Considere o problema colocado acima e a atividade que você fez na unidade anterior. Você acha que a competência no trabalho é o principal valor para o exercício da cidadania ou você acha que há outros valores mais importantes? Se existem, quais seriam? Como você poderia contribuir para a construção desses valores na escola, por meio do seu trabalho? Não deixe de considerar o que já pensou sobre o trabalho e a cidadania, certo!



5

Práticas culturais na escola e cidadania

Nesta última unidade de estudos, tentarei destacar alguns elementos que considero importantes para que seja possível situar e re-situar-nos no nosso perguntar e pensar.

A investigação iniciou-se com os seguintes questionamentos gerais: como nos tornamos o que somos? Como homens e mulheres vêm a ser humanos? O que isso tem a ver com a educação e a escola?

Esses questionamentos estão relacionados a outros problemas colocados em cada unidade, de maneira que o problema inicial ganhou complexidade como problema geral, ao mesmo tempo que foi especificado nos seus elementos principais: linguagem, trabalho e valores.

Nessa especificação vocês devem ter percebido que em cada unidade a escrita abriu possibilidades de relações entre escola e cidadania, o que pode ser retomado aqui para ver se inventamos mais alguns significados.

Na primeira unidade, a escola foi significada e valorizada como espaço educativo criado para ensinar às novas gerações os elementos culturais mínimos para a convivência social e para o trabalho. Vimos lá que existem diferentes e diversas culturas e que elas se relacionam. As relações são de compartilhamento, de disputa, de negociação e de construção de significados. Vimos também que o que se aprende na escola poderia ajudar na construção de uma identidade humana no mundo. Resta saber, entretanto, como é possível construir uma cultura que contribua para isso, quando diversidade cultural e etnocentrismo estão em jogo.

Na segunda unidade foram problematizadas as práticas simbólicas e de linguagem na escola, para ver qual o sentido de uma cidadania educada no diálogo e na comunicação e se ela ajuda na construção de uma sociedade crítica, bem-informada e disposta a participar da criação de outros mundos e de outras relações sociais. Essa unidade sugere que nossas relações com a linguagem não são tão óbvias como parecem e podem implicar numa série de problemas de entendimento e de poder na escola.

A terceira unidade problematizou as práticas produtivas (trabalho), que são ao mesmo tempo práticas educativas. Ali aparece a suspeita de que num mundo em que as pessoas produzem tão somente para sobreviver, sem pensar em outras possibilidades para o que fazem no trabalho, elas podem

não ver sentido no que fazem. Na escola, instituição criada para ensinar, se o trabalho não tem sentido, a educação também não terá para aqueles que trabalham e se educam nela. Então, percebe-se que todo trabalho na escola educa e que todo trabalho, então, pode ser planejado para educar, mesmo que os resultados não sejam imediatamente os desejados.

Por último, na unidade IV, nos deparamos com as práticas valorativas. Ali nos perguntamos pelo valor da educação e, especialmente da educação escolar. Perguntamos-nos se educar para o mercado e para o trabalho é o mesmo e se tem o mesmo valor que educar para a cidadania, como orienta a legislação brasileira. Vimos que para decidir sobre a questão nos valem os valores e que esses valores podem ser construídos e desconstruídos na escola.

Com isso, podemos pensar que homens e mulheres se tornam humanos quando podem experimentar em suas vidas a possibilidade de falar e de escutar os outros, de expressar-se e perceber os outros, de sentir-se e de sentir os outros integralmente: como seres simbólicos, produtivos, sensíveis, morais e políticos. Podemos pensar, também, que o homem e mulheres vêm a ser o que são pela educação de que participam com outros homens e mulheres.

Agora que já estamos bem-situados no problema da educação e da identidade do educador profissional, resta-nos perguntar e pensar mais diretamente o que a escola tem a ver com isso.

Quando falo da escola, é porque ela é responsável por um tipo de educação que pode ou não contribuir para a humanização de homens e de mulheres: a escola é a instituição pela qual o Estado garante o direito à educação. É pela escola que o Estado dá acesso aos direitos sociais às pessoas. O que resta saber é que conceito de humano é construído na escola que educa para o trabalho e para a cidadania.

Para que possamos nos situar bem nesse último problema, introduzirei na investigação um último conceito, bastante importante na organização escolar: o conceito de currículo.

Vocês sabem, desde o módulo I, que o currículo é constituído por determinados conteúdos. Esses conteúdos são selecionados e escolhidos entre tudo o que se produz culturalmente. Selecionamos e escolhemos com base em significações e valorizações. Valorar é atribuir valor, importância, peso às coisas.

Quem escolhe e decide sobre os conteúdos oficiais do currículo, em geral, são especialistas em educação, conforme uma política curricular. O currículo tem a ver com uma vida social desejada (por todos ou por alguns) que a escola pode ajudar a construir. Sabem, também, que a escola é pedagogicamente autônoma.

Aqui, entretanto, pensaremos o currículo de forma diferente. Não apenas o currículo oficial, mas o currículo da escola.

O currículo da escola, tal como penso, abrange todos aqueles conteúdos cognitivos, procedimentais, comportamentais, valorativos e disciplinares desenvolvidos nas salas de aula, juntos a todas as experiências que vivenciamos na escola e que também envolvem conhecimentos, procedimentos, comportamentos e valores.

Além disso, o currículo abrange elementos presentes em vivências individuais e coletivas vividas por pessoas e grupos sociais fora da escola. Com isso, não podemos deixar de notar que as vivências escolares se relacionam com as vivências de fora dela. Quer dizer, as pessoas aprendem dentro e fora da escola. Levam para dentro o que aprendem fora e levam para fora o que aprendem dentro. Aprendem na escola com as condições que trazem de fora e vice-versa. A escola e o “fora da escola” estão presentes nas vidas das pessoas o tempo todo.

As pessoas, então, não podem ser tratadas ora como sujeitos escolares (professores, diretores, funcionários, alunos e pais de alunos – comunidade escolar), ora como sujeitos não-escolares (cidadãos, trabalhadores, consumidores, contribuintes, etc.), pois não deixam de ser o que são quando estão na escola ou fora dela: são humanos.

O que entra em jogo, então, para pensar o currículo escolar, diz respeito à vida de homens e mulheres na sua integridade.

O currículo da escola, contudo, é constituído por todas as vivências e experiências sistematicamente planejadas, visando o ensino e para a aprendizagem de elementos culturais selecionados e institucionalmente tidos como relevantes para que as pessoas possam vir a atender a expectativas sociais: trabalhadores e cidadãos, fundamentalmente.

Mas, dependendo das condições em que se planeja (especialmente aquelas das relações entre o dentro e o fora da escola), pode-se educar futuros desempregados, excluídos,

discriminados, por exemplo. Nesse sentido, na escola não se pode experimentar qualquer coisa, de qualquer maneira, para quaisquer finalidades.

Compare o que os alunos de sua escola aprendem com o que aprendem os alunos da escola Múltipla Escolha do programa Malhação da Rede Globo de Televisão, para ver como as vivências são diferentes. Esse programa é apresentado de segunda a sexta-feira, às 17h30min, horário de Brasília.



Entretanto, ainda que as experiências vivenciadas na escola sejam planejadas para atingir o objetivo de educar trabalhadores e cidadãos, elas não estão à parte de outras situações socioculturais que possibilitam outras experiências, de modo que os resultados do planejamento não podem ser previstos com rigor. É assim, afinal, que a cultura é transformada: pela recepção que os novos fazem dela nas suas vidas.

O caso é que as mesmas pessoas participam e aprendem a ser o que são tanto nas vivências escolares como nas vivências não-escolares, sob as condições de umas e de outras.

Nesse caso, questionar a participação nossa e do outro na escola e na educação sugere que investiguemos: O que se ensina e o que se aprende na escola? Onde se ensina e onde se aprende na escola? Como se ensina e como se aprende na escola? Quem ensina e quem aprende na escola? Para que se ensina e se aprende na escola? Que relações existem entre as pessoas nas práticas escolares?

Vejamos um pouco, então, das condições curriculares em que se aprende na escola, chamando a atenção de que o currículo, da forma que proponho, se faz pelas práticas e vivências escolares pelas quais podemos aprender coisas diferentes das que são ensinadas na sala de aula, suposto nas unidades II, III e IV.

SEÇÃO 1: O QUE SE ENSINA E O QUE SE APRENDE NA ESCOLA?

A pergunta “o que se ensina e o que se aprende na escola” diz respeito a conhecimentos, procedimentos, comportamentos e valores. A orientação dos PCN (currículo oficial) para o ensino fundamental centra-se nos chama-

dos temas transversais (cidadania, ética, pluralidade cultural, trabalho, meio ambiente, saúde e sexualidade) e para o ensino médio nos contextos do trabalho e da cidadania, em torno dos quais as escolas devem organizar autonomamente seu projeto político-pedagógico e seus projetos educativos, dos quais todos têm o direito e o dever de participar.

Contudo, não vou valorizar aqui os conteúdos cognitivos do currículo, isto é, os conhecimentos de cada matéria e como eles podem contribuir para que se eduque naqueles temas. Já sabemos que na sala de aula esses conteúdos têm sido considerados os mais importantes. São conhecimentos específicos, disciplinares: língua portuguesa, matemática, história, geografia, ciências, etc.

Convido vocês a valorizar outros conhecimentos que se aprende ao mesmo tempo na sala de aula e fora dela e que, normalmente, não são tão valorizados na escola.

Na escola vivenciamos o escrever e o ler, o ler e o escrever. Eis duas coisas que vivenciamos diariamente na escola. Além do ler e do escrever, vivenciamos também o falar e o escutar. Vivenciamos o pensar e o fazer, o trabalhar. Vivenciamos o criar e o sentir. E, é claro, vivenciamos o ensinar e o aprender. Vivenciamos o educar. Vivenciamos o decidir, o escolher e o valorar. Na escola, vivemos nosso mundo, o mundo dos outros e compartilhamos, pensamos, imaginamos, planejamos, projetamos, criamos outros mundos juntos.

São tantas coisas que vivenciamos na escola que, muitas vezes, tenho dúvidas se alguém consegue percebê-las e experimentá-las a um só tempo. Ou seja, não tenho certeza de que nos damos conta de tudo o que vivenciamos na escola a tal ponto de poder pensar, significar e aprender tudo.



Você consegue perceber e experimentar tudo o que acontece na escola? Se você percebe e experimenta alguma(s) coisa(s), sabe dizer como acontece(m)? Essas coisas que você percebe ou experimenta são coisas planejadas ou acontecem espontaneamente? Você consegue distinguir as coisas planejadas das espontâneas? Você participa das atividades planejadas na escola? Como?

SEÇÃO 2: ONDE SE ENSINA E ONDE SE APRENDE NA ESCOLA?

Nas vivências que temos com as práticas escolares também experimentamos nossa participação em espaços de convivência. A escola é um espaço constituído de uma multiplicidade de espaços diferentes: sala de aula, pátio, cozinha, secretaria, sala da direção, biblioteca, banheiros e as fronteiras com o “fora dela”. Nesses espaços da escola, estamos uns com outros, juntos, convivendo: compartilhando nossa vida, nossas experiências e o nosso jeito de sentir, pensar e de fazer as coisas. Nessa convivência, nos educamos. Aprendemos e ensinamos o que sabemos com o trabalho e com o diálogo. Assim, nos tornamos humanos. E cada vez que aprendemos coisas novas, somos humanos diferentes: homens e mulheres que trabalham, que brincam, que participam da vida da escola e da vida comunitária da maneira como aprendemos.

Precisamos pensar, então, que a educação que fazemos na escola pode vincular as experiências do espaço da sala de aula com as experiências possíveis em qualquer um dos espaços escolares. Numa sala de aula e em todo o espaço escolar, interagem pessoas que trazem consigo suas experiências, vivências, valores, costumes, gostos, modos de falar e de vestir e de organizar os espaços, enfim, maneiras de ver e de pensar o mundo, que as diferenciam umas das outras.

Essas diferenças espaciais e o modo de pensar e ver o mundo pode ser muito rica para quem pode aprender, pensando e podendo escolher entre alternativas diferentes para sua própria vida.

Será que na escola em que você trabalha isso acontece mesmo? Será que nela as pessoas se tornam diferentes na convivência com os outros? Ou será que cada um quer que os outros sejam iguais a eles próprios? Isso acontece apenas nas salas de aula ou acontece em outros espaços também? Como podemos dialogar com os outros nos espaços pelos quais somos responsáveis? Que valores e significados estão presentes nas práticas que você realiza no seu trabalho e que podem afetar a educação na escola? Escreva como o seu espaço de trabalho pode ser organizado para que todos possam aprender alguma coisa ali.





SEÇÃO 3: COMO SE ENSINA E COMO SE APRENDE NA ESCOLA?

A essa altura talvez vocês já tenham como possibilidade o pensamento de que nós nos educamos nos acontecimentos e nas relações que vivenciamos com os outros em certos espaços e que o currículo da escola é constituído dessas vivências, além daqueles conhecimentos de sala de aula.

Mas, podemos sempre fazer experiências nas vivências. Isso quer dizer que a experiência abrange a vivência imediata de situações individuais e/ou coletivas, bem como sua significação. A significação está relacionada à elaboração investigativa e reflexiva da vivência, isto é, a experiência realiza-se quando problematizamos e buscamos significados para vivência. Quando pensamos sobre o que aprendemos ou o que o outro quer nos dizer com o que está fazendo.

Uma experiência pode ser planejada (ação pedagógica), mas não pode ser previamente determinada. Ela traz sempre possibilidades de resultados diferentes do que esperamos ao planejar, pois o que planejamos se encontra com outras vivências que desconhecemos (vivências de fora da escola). Vejam e lembrem do conceito de devir.

Podemos, então, pensar na escola como um espaço participativo e acolhedor dessa diversidade e pluralidade de vivências? O diálogo entre essas vivências numa experiência planejada pode construir na escola um ambiente de aprendizagem investigativa e reflexiva sobre as vivências pessoais e coletivas? Ou será melhor que os mundos não sejam compartilhados, disputados, negociados e reinventados, ficando então a educação limitada por modelos de ensino e instrução tradicionais em que apenas professores ensinam e alunos aprendem?

Pois é, talvez seja importante que os saberes da vida não-escolar possam ser problematizados na escola, para que alunos, docentes e técnicos em educação possam construir coletivamente os conhecimentos de que precisam para conviver com as diferenças e para possibilitar uma outra educação da comunidade com a qual a escola se relaciona.

Pensar nisso pode significar ter de rever o papel da escola frente à possibilidade de significação da cidadania e do trabalho, pois, as experiências escolares podem ser experiências teórico-práticas que tenham presente a integridade da vida de homens e mulheres, que podem escolher que cidadania e que trabalho querem para si mesmos.

Como se ensina na escola, então?

Na escola se ensina 1) pelo exemplo prático, pela vivência observada e compartilhada com outro (intencional ou espontaneamente), 2) pela transmissão de conhecimentos prontos, disponíveis e já produzidos pela humanidade (intencional ou alienadamente) e, por fim, na escola se ensina 3) pela investigação, pelo diálogo e pela experiência prática planejada, vivenciada e pensada por todos e para todos.

Desses três modos de ensinar na escola, qual deles você percebe que tem sido o mais presente na sua escola, em todos os espaços? Considerando o que você já leu e o que já vivenciou na escola, qual desses modos você escolheria como educador? Com base em que valores e significados você faz essa escolha?



Seção 4: Quem ensina e quem aprende na escola?

Como “funcionários de apoio”, poucas vezes o valor da sua participação na escola e na educação tem sido problematizada, não é? Afinal, em muitos casos, é tão óbvia, tão a mesma, tão restrita, tão limitada e tão repetitiva essa participação que chega a parecer natural e sem importância: “é assim por que é assim e não pode ser de outro jeito!” É como se vocês só pudessem participar da educação na escola cumprindo uma função e conservando as relações já estabelecidas (aluno é aluno, professor é professor, diretor é diretor, mãe é mãe e funcionário é funcionário)... Isso chega a chatear ou vocês estão satisfeitos?

Nessas práticas participativas, cada um assume um papel, cumpre uma função e deixa de ser outro, diferente para si e para os outros.



Será que ao assumirmos nosso papel continuamos sendo nós mesmos? Será que podemos deixar de ser de um jeito para ser de outro? E quanto às práticas da escola: você alguma vez já observou atentamente como são as práticas escolares? Todas as pessoas são tratadas da mesma maneira ou são diferenciadas? Existe fila para entrar em sala de aula? Quem precisa entrar em fila? E por que os outros não precisam? As decisões sobre a escola são coletivas ou exclusivas de alguns? Os alunos usam uniforme? E os professores e funcionários, usam também? Há espaço e instrumentos adequados para preparar e realizar as refeições? Há seleção de lixo?

Pensar esses questionamentos é importante para significarmos como a nossa identidade se constrói nas práticas escolares. Ou seja, observando atentamente as práticas escolares podemos saber quem é quem na escola e também podemos saber se é possível ser de outro jeito. A escola educa a todos e todos se educam e são educados na escola de que participam como parte ou como co-responsáveis?

Esse problema diz respeito a como indivíduos ou grupos de indivíduos se posicionam nas práticas culturais, no nosso caso, nas práticas escolares. Como são valorizados e quais são seus próprios valores?

Sendo funcionário, parece que a participação de vocês na escola nada tem a ver com a educação dos alunos, afinal, o que fazem é limpar, cozinhar, lavar, registrar informações, emitir documentos, consertar equipamentos e algumas outras coisas.



Que educação vocês fazem ao cumprir essas funções? E se educam, como é que isso acontece? Cumprir bem as funções parece ser importante. Mas será tudo? Que valores e significados as práticas funcionais podem ter para os outros e para nós mesmos? Lembrem-se de quando vocês investigaram o intervalo das aulas na unidade II. Tentem pensar aqui como pensaram lá! Prestem atenção nas suas práticas e vejam o que elas podem significar para a educação na escola.

E, no entanto, parece que na escola tudo tem a ver com educação. Portanto, parece que vocês têm alguma responsabilidade na educação de todos: na sua mesma, na dos colegas funcionários, na dos docentes e na dos alunos. Na escola todos educam a todos e por isso temos responsabilidade pelo que fazemos na escola.

Puxem algumas lembranças das práticas, das experiências e dos estudos de que vocês mesmos participaram na escola, como aluno e/ou como profissional. Puxem também as memórias do que têm estudado nesse curso e procurem refletir sobre como tudo isso que vocês têm vivenciado na escola está presente na sua história de vida e no seu devir humano, educador, cidadão e profissional. Como vocês chegaram onde estão como humanos e profissionais? Para onde podem ir? Que contribuições podem dar aos outros?



DICAS PARA PENSAR MAIS

Espero que o encontro da sua leitura com a minha escrita tenha oportunizado a vocês mudarem de lugar várias vezes, tentando se colocar no lugar de todos os outros que foram mencionados no módulo e, sobretudo, no lugar dos outros que estão com vocês no dia-a-dia da escola. Espero que a leitura ajude vocês a se perceberem no lugar de vocês mesmos nas relações com esses outros e, por fim, espero que vocês tenham podido conhecer mais e de um jeito diferente a escola, suas práticas e seus espaços.

*Abraço amigo.
Até breve.
Dante*



LEITURA

Alves, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir.** Campinas: Papyrus, 2001.

FILMES

La mala educación, de Pedro Almodovar

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith et all. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 2ed.

BESSA, Dante Diniz. *Educação filosófica, crítica!? A filosofia como disciplina do currículo de 2º grau*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 1997. (Dissertação Mestrado)

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. 6ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Medo e ousadia*. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. 15ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HABERMAS, Jurgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 12ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MARX, Karl. *Trabalho alienado*. Cópia reprografada.

MONLEVADE, João Antonio Cabral. *Funcionários das escolas públicas: educadores profissionais ou servidores descartáveis*. Brasília. s/d.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

